



A PRIMEIRA PRESIDÊNCIA

Spencer W. Kimball
N. Eldon Tanner
Marion G. Romney

CONSELHO DOS DOZE

Ezra Taft Benson
Mark E. Petersen
Delbert L. Stapley
LeGrand Richards
Howard W. Hunter
Gordon B. Hinckley
Thomas S. Monson
Boyd K. Packer
Marvin J. Ashton
Bruce R. McConkie
L. Tom Perry
David B. Haight

COMITÊ DE SUPERVISÃO

Gordon B. Hinckley
Marvin J. Ashton
L. Tom Perry
Marion D. Hanks
James A. Cullimore
Robert D. Hales

EDITOR DAS REVISTAS DA IGREJA

Dean L. Larsen

EXECUTIVO DO INTERNATIONAL MAGAZINE

Larry Hiller, Editor Gerente
Carol Larsen, Editor Associado
Roger Gylling, Desenhista

EXECUTIVO DA "A LIAHONA"

José B. Puerta, Coordenador de Línguas
Maria Antonia Brown, Redatora
Moacir S. Lopes, Supervisor de Layout
José G. F. da Silva, Expedição

A Liahona

30/7 julho 1977

HISTÓRIAS E DESTAQUES:

1 Mensagem da Primeira Presidência:

AINDA SE PRECISA DE PIONEIROS,
Presidente N. Eldon Tanner

2 A PROCURA DA TRILHA DE LEHI,
Lynn M. e Hope A. Hilton

15 UMA VIAGEM MODERNA PELA TRILHA DE LEHI,
Gerald Silver
DIÁRIO MORMON:

25 A VOZ FALOU EM ESPANHOL,
Louis Espinosa

26 SE VOCÊ ESTÁ TENDO PROBLEMAS PARA COMEÇAR ...,
Anita Miller

32 AMAR É COMPREENDER — E AJUDAR,
Theo E. McKean

35 ENTENDER OS ALUNOS, do Livro "TEACH YE DILIGENTLY",
por Boyd K. Packer

SEÇÃO JUVENIL:

27 CONFIAI AO SENHOR A VOSSA CARGA,
Élder Robert L. Simpson

SEÇÃO INFANTIL:

17 UM INSTRUMENTO DO SENHOR,
Paul Enrique Gomez

18 O ÚNICO CAMINHO,
Joyce B. Bailey

22 AMULEQUE,
Mabel Jones Gabbott

24 AMIGO PEDREGOSO,
Karen Sharp

NOTÍCIAS LOCAIS:

37 EZÉQUIAS PAGAM TRIBUTO AO ÉLDER ALVIN R. DYER

38 FIRMES MARCHAI! ELES PARTEM MENINOS E VOLTAM HOMENS

39 PERFIL DE UM LÍDER — PRESIDENTE ADEMAR LEAL
Maria Antonia Brown

iii **LEGENDAS PARA NOSSA CAPA**

REGISTRO: está assentado no cadastro da DIVISÃO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS, do D.P.F., sob o n.º 1151-P 209/73 de acordo com as normas em vigor.

SUBSCRIÇÕES: Toda a correspondência sobre assinaturas deverá ser endereçada ao *Departamento de Assinaturas, Caixa Postal 19079, São Paulo, SP.* Preço da assinatura anual para o Brasil: Cr\$ 20,00; para o exterior, simples: US\$ 5,00; aérea: US\$ 10,00. Preço do exemplar avulso em nossa agência: Cr\$ 2,00; exemplar atrasado: Cr\$ 2,50. As mudanças de endereço devem ser comunicadas indicando-se o antigo e o novo endereço.

A LIAHONA — c 1977 pela Corporação da Presidência de A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias. Todos os direitos reservados. Edição brasileira do «International Magazine» de A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias, acha-se registrada sob o número 93 do livro B, n.º 1, de Matrículas e Oficinas Imprensoras de Jornais e Periódicos, conforme o Decreto n.º 4857 de 9-11-1930. «International Magazine» é publicado, sob outros títulos, também em alemão, chinês, coreano, dinamarquês, espanhol, finlandês, francês, holandês, inglês, italiano, japonês, norueguês, samoano, sueco e tonganês. Composta pela Linoletra, Rua Abolição, 201, telefone 32-7743. Impressa pela Editora Gráfica Lopes, Rua Peribeubí n.º 331, telefone 276-8222, São Paulo, SP. Devido à orientação seguida por esta revista, reservamo-nos o direito de publicar somente os artigos solicitados pela redação. Não obstante, serão bem-vindas todas as colaborações para apreciação da redação e da equipe internacional do «International Magazine». Colaborações espontâneas e matérias dos correspondentes estarão sujeitas a adaptações editoriais.

Capa e contracapa:

Fotografia por

Gerald W. Silver,

na Expedição do Ensign

em 1976, de

Lynn M. e Hope A. Hilton.

MENSAGEM DA PRIMEIRA PRESIDÊNCIA

Ainda se Precisa de Pioneiros

Presidente N. Eldon Tanner
Primeiro Conselheiro na Primeira Presidência

Comemoramos este mês a jornada histórica dos pioneiros mórmons que, há 130 anos, deixaram a bela cidade de Nauvoo, no Illinois, e seus lares confortáveis, para escapar de seus perseguidores e marcharam 2.300 quilômetros, atravessando ermos hostis, a fim de adorar seu Deus de acordo com os ditames de sua própria consciência. Eles chegaram, em julho de 1847, ao Vale do Grande Lago Salgado e fundaram a cidade que é agora a sede da Igreja de Cristo na terra.

Não é o bastante observar simplesmente esses vários aniversários, mas precisamos mais uma vez nos comprometer e dedicar-nos à manutenção das convicções e dos princípios sobre os quais são fundadas as bênçãos de que gozamos. Também devemos estar prontos para nos sacri-



JULHO DE 1977

ficar, no que for necessário, a fim de manter invioláveis nossas liberdades. Meu pai costumava dizer: "A verdadeira maneira de se honrar o passado é aperfeiçoar-se com ele".

Portanto, devemos amar mais a Deus. Devemos servir melhor ao nosso próximo. Precisamos guardar todos os mandamentos. Necessitamos estar melhor preparados, como pais, para ensinar nossos filhos a orar e andar retamente diante do Senhor, e assumirem suas responsabilidades.

Devemos estar constantemente procurando o aperfeiçoamento próprio e de tudo o que nos cerca.

Ao apresentar, em 1940, um programa de embelezamento, o Apóstolo Stephen L. Richards disse:

"O que aconteceria, se nosso grande e sábio líder pioneiro, Brigham Young, voltasse no... aniversário de sua entrada neste Vale do Lago Salgado? Como lhe agradaria e emocionaria sua alma nobre, encontrar as cidades, vilas e vilarejos que ele planejou tão bem e procurou fundar com tanta diligência e coragem, todas no florescimento do verão, com fazendas e campos carregados de colheitas amadurecendo, com pastos e montes pontilhados de rebanhos e manadas, com fábricas, áreas comerciais, edifícios públicos, escolas e igrejas refletindo o vasto desenvolvimento das empresas, da cultura e da religião que ele advogava com tanto empenho! Além disso, o aspecto mais emocionante de todos, se ele pudesse encontrar milhares de lares felizes, aninhados à sombra de miríades de árvores, aparecendo no meio de relvados, arbustos e flores fragrantas, tudo em ordem e limpo, a habitação de um povo honesto, trabalhador, amante a Deus e feliz, e tudo isto nos vales do deserto que ele viu primeiramente, transformados agora e embelezados pelo empreendimento e idealismo da geração que o seguiu! Certamente a taça de sua gratidão transbordaria.

"E por que não pode ser assim? Que tributo mais digno e devido poderíamos oferecer àqueles homens e mulheres pacientes e devotados, cuja coragem, cuja inteligência e cujo trabalho nos legaram a herança inestimável de que gozamos agora?

"Deus permita que nosso amor, gratidão e veneração encontrem uma expressão tangível na beleza — na beleza da vida e daquilo que nos cerca." (Conference Report, 7 de abril de 1940, pp. 129-130.)

Ainda se precisa de pioneiros. Um pioneiro é descrito como alguém que vai à frente, preparando o caminho para outros. Ele é um líder, primeiro em seu campo de descoberta e invenção. Será seguido por colonizadores e progressistas que expandirão e utilizarão suas descobertas. Qualquer um que procure ser um pioneiro providenciará encher seu pensamento com o que é conhecido a respeito dos planos a serem seguidos. Algumas qualidades necessárias ao pioneirismo são o interesse, inteligência, imaginação e objetivo. Um pioneiro deve investigar, planejar, experimentar e trabalhar.

Ao sermos pioneiros em qualquer empreendimento, temos o benefício daqueles que foram pioneiros antes de nós. Temos o plano do evangelho a seguir, que não precisa de nenhuma experiência, mas necessitamos planejar e trabalhar, a fim de conseguir o objetivo que procuramos — a vida eterna.

Exprimimos a nosso Pai nos céus a gratidão pelo evangelho, que nos indica o caminho. Somos gratos a todos os que estavam preparados e saíram para realizar seus propósitos e estabelecer suas verdades, que são as mesmas ontem, hoje e para sempre.

GM
M205,07
L694P
v.30
1977



1. A cidade de Jerusalém, local da pregação de Léhi.

Fotografia por Gerald W. Silver

À Procura da Trilha de Léhi

Lynn M. e Hope A. Hilton

Parte I: Os Preparativos

Nota do Editor:

Durante 146 anos, os leitores do Livro de Mórmon têm-se imaginado viajando e acampando com Léhi, enquanto ele levava solenemente sua família de Jerusalém, caminhando pensadamente rumo ao sul, para o Mar Vermelho, e se mudava periodicamente pela sua costa, até que o grupo se encaminhou para o interior e encontrou “muita aflição”, antes de chegar a uma área costeira que disseram ser Abundância. Os leitores têm meditado a respeito daquela jornada histórica — onde o grupo de Léhi parou, onde construíram seu barco e onde aportaram no hemisfério ocidental, a terra prometida a Léhi.

Para nós, a milhares de anos e quilômetros de distância do Oriente Médio, a Bíblia adquire mais vida, quando vemos fotografias de montanhas, vales e cidades da Palestina, e das áreas do mundo romano às quais o Evangelho do Novo Testamento foi levado pelos apóstolos.

A idéia de investigar toda a área da jornada de Léhi foi apresentada a Lynn-M. Hilton e sua esposa Hope pelos editores das revistas da Igreja. Nos anos passados, os Hilton fizeram dúzias de viagens à Eu-

ropa, Oriente Médio, África e Ásia, como proprietários de uma agência de viagens e também como parte do programa de estudo por viagens para educação de adultos. Eles adoravam o Oriente Médio, possuindo ali muitos amigos e visitando com frequência suas cidades. Haviam estudado suas línguas, história e cultura, apesar de não terem graduação elevada em estudos relativos ao Oriente Médio. Amavam o Livro de Mórmon e possuíam sincero testemunho de sua veracidade. O Irmão Gerald Silver, um fotógrafo do jornal diário da Igreja, **Deseret News**, recebeu o convite de acompanhar os Hilton, a fim de registrar as cenas da aventura.

As conclusões dos Hilton e do Irmão Silver quanto aos locais da jornada de Léhi são somente possibilidades respeitáveis, mas dão luz a alguns dos elementos vitais da história do Livro de Mórmon, assim como nos apresentam as contribuições da cultura árabe para a história do Livro de Mórmon.

Considerem a extensão do desafio que nos foi dado! Deveríamos seguir uma trilha que se estivera desvanecendo durante mais de 2.500 anos — uma

trilha que se encontrava à distância de meio mundo num território convulsionado pela guerra e dividido agora entre Omã, Arábia Saudita, Jordânia e Israel. Todas as pistas para a rota de Léhi estão contidas em uns meros dezoito capítulos que Néfi escreveu anos depois de sua jornada; e o propósito principal do registro não foi o de descrever aspectos geográficos ou rotas das caravanas, mas sim as visões maravilhosas dadas a seu pai, e mais tarde a ele mesmo. Mas tínhamos uma designação, sabemos que o Livro de Mórmon é verdadeiro, e assim iniciamos, partindo da premissa de que as coisas escritas por Néfi realmente aconteceram. Inspirado por Deus, Mórmon incluiu o próprio registro de Néfi, sem resumi-lo. Inspirado por Deus, Joseph Smith o traduziu, literal e fielmente. As hipóteses e conclusões que apresentaremos são, é claro, tentativas; mas a história de nossa busca da trilha de Léhi é uma aventura emocionante que resultou em algumas conclusões básicas a respeito de locais geográficos verdadeiros mencionados no Livro de Mórmon.

Um dos fatores de encorajamento em nossa busca foi a descoberta da grande constância da península arábica. É um lugar imutável, não só geográfica como também culturalmente. Grande parte dela permaneceu a mesma por mais de dois mil anos. Um milênio ali tem pouca diferença de um século.

Os locais em que se encontra água têm muito a ver quanto ao estado imutável da Arábia. Onde há água, há vida — este é o fato inexorável da vida arábica — e os grandes oásis da península arábica não mudam de um lugar para outro. As cidades não podem desenvolver-se no deserto, e há um limite para a distância entre os subúrbios e os grandes poços e fontes centrais. A localização da água pode ser a pista para encontrar-se a rota da trilha de Léhi.

O Senhor conhecia a ocasião, o método e rota da jornada de Léhi. Como leitores do Livro de Mórmon, nós também conhecíamos a ocasião. E estávamos determinados a juntar todas as pistas que pudéssemos encontrar, para ampliar nosso conhecimento do **método** e da **rota**.

Iniciamos com o Livro de Mórmon. Leia conosco, à medida que descobrimos o que ele nos conta a respeito dessa viagem, e considere alguns dos tipos de perguntas que nos assomaram, à proporção que desvendávamos passagens e mais passagens de Primeiro Néfi. Inicialmente, no capítulo um, lemos que Léhi havia “morado toda a sua vida em Jerusalém”. (V. 4.)

Léhi “saiu,” e depois voltou “para sua casa em Jerusalém”. (Vv. 5, 7.) Querirá isto dizer que ele saiu de Jerusalém e depois voltou para lá? Que assunto o tiraria de Jerusalém? No capítulo 2, o Senhor ordena a Léhi que “partisse... para o deserto.” (V. 2.) (O que significaria **deserto** para Léhi? Apenas um lugar ermo? Uma floresta? Um deserto mesmo?) Mais tarde, eles deixaram “a terra de sua herança, seu ouro, sua prata e seus objetos preciosos”. (V. 4.) (Bem, por que ele não queria levar ouro e prata? Não precisariam de pelo menos algum di-

nheiro? Ou será que isto significa seus muitos objetos de ouro e prata?) Léhi “nada mais levou consigo, exceto sua família, provisões e tendas”. (V. 4.) (Que tipo de provisões poderiam carregar? Como viajariam com tendas? Seria este tipo de vida parecido, de algum modo, com a vida nômade dos beduínos da Arábia contemporânea?)

No versículo cinco, encontramos algumas pistas relativas à direção: “Chegando às margens do Mar Vermelho, continuou seu caminho pelo deserto que margeia o mesmo mar.” (Isto é realmente curioso. Qual é a diferença entre “margens” e “deserto que margeia”? Pelo menos, o Mar Vermelho é um marco mais definido. Haverá uma trilha que vá pelas “margens” e pelo “deserto que margeia”?) No versículo seguinte, o relato especifica que “tendo viajado por três dias no deserto, assentou sua tenda num vale, à margem de um rio”. (V. 6.) (Observem: três dias de viagem no deserto **depois** de haverem chegado ao Mar Vermelho, não três dias de Jerusalém. Seria possível identificar esse rio e vale?)

Há, em outro versículo, uma pista ainda mais específica: “(o rio) desaguava no Mar Vermelho; e o vale se estendia até a sua desembocadura.” (V. 8.) (Será possível que as tendas de Léhi pudessem estar para o interior, a partir do Mar Vermelho?) Este é o vale ao qual chamou de Lemuel, e o rio o qual denominou Lamã, e, ao descrevê-lo, encontramos mais alguns indícios: “as águas do rio desaguavam no *Mar Vermelho” (será que fonte indica alguma coisa especial?) e Léhi disse a Lamã que ele deveria ser “como este rio, aproximando-te continuamente da fonte de toda retidão!” (V. 9.) (Haverá na Arábia rios perenes?) Ele queria que Lemuel fosse “como este vale, firme, constante e imutável em guardar os mandamentos do Senhor!” (V. 10.)

Então Néfi explica: “E **habitou** meu pai numa tenda.” (V. 15.) (Será que ele quis dizer com isso uma situação duradoura?)

Quando se iniciaram as viagens de ida e volta a Jerusalém, o registro apresenta algumas mudanças interessantes de linguagem. Por exemplo, quando Néfi e seus irmãos foram em busca das placas de latão, levaram suas tendas e foram “a Jerusalém”. (3:9.) (Por que levaram com eles suas tendas? E estaria Jerusalém “acima”* de todos os pontos da bússola?) Eles tiveram problemas com Labão e decidiram **descer** “à terra de nossa herança” e juntar parte do ouro e prata que haviam deixado. (V. 22.) Aí, eles **subiram** “novamente à casa de Labão”, em Jerusalém. (V. 23; ver também 4:4, 34, 35; 5:1.) (Isto é muito curioso. Para onde eles “desceriam” para chegar à terra de sua herança, depois de haverem “subido” a Jerusalém? “Descer” era a mesma direção, tanto para o deserto como para a terra de sua herança? E a que distância estavam eles do acampamento de Léhi junto ao Mar Vermelho?)

* O versículo em inglês diz: “...desaguavam na fonte do Mar Vermelho...” N.T.

* O versículo 9 em inglês diz: “... para subirmos a Jerusalém.” N.T.



3. Superior: Se Léhi tomou a estrada ao sul de Jerusalém, esta o teria levado para perto dos vales férteis e dos montes arborizados de Tarcomina, perto de Hebron.



2. Foto inferior: Berseba, "Poço do Juramento", recebeu essa denominação de Abraão e Abimeleque centenas de anos antes de Léhi sair de Jerusalém. (Ver Gênesis 21:31.) Mas pode ser que Léhi tenha passado nesse lugarejo no oásis, se tomou a estrada ao sul de Jerusalém.

Quando Néfi voltou com as placas de latão, Léhi ofereceu "sacrifícios e holocaustos ao Senhor". (5:9.) (De onde vieram os animais para o sacrifício? Eles os possuíam ali — ou havia pessoas por perto, das quais pudessem comprá-los?) No capítulo 7, Néfi e seus irmãos voltaram em busca da família de Ismael, e vemos outra vez a mesma terminologia de "subir" a Jerusalém e "descer" para o deserto. (Vv. 2-5.) (Quanto tempo se passou entre a época em que obtiveram as placas de latão e a ocasião em que fizeram essa segunda viagem de volta?)

No capítulo 16, eles receberam a Liahona, e "reunimos todas as coisas que deveríamos levar para o deserto, e todo o restante das provisões que o Senhor nos tinha dado" (Havia **outras** provisões além daquelas que haviam trazido com eles de Jerusalém?) "e também as sementes de toda espécie". (V. 11.) (Onde obtiveram sementes? Eles as colheram? Compraram? Tinham-nas trazido com eles?)

No versículo seguinte: "Tomamos nossas tendas e partimos para o deserto, atravessando o rio Lamã." (V. 12.) (Isto significa que o acampamento de Léhi se localizava no lado oeste do rio? Estavam agora prosseguindo para o sul pelo lado leste?) Então, em 16:13, eles deram uma arrancada, parece, por "um espaço de quatro dias, na direção aproximada a sul-sudoeste," assentando, finalmente suas tendas num local a que deram o nome de Shazer. (Onde terminaram, depois da jornada de quatro dias?)

"E partimos novamente (assim, devem ter permanecido ali, pelo menos por algum tempo) para o deserto, seguindo a mesma direção (esta deve ser sul-sudeste), mantendo-nos nas partes mais férteis do deserto que acompanhavam as bordas do Mar Ver-

melho." (V. 14.) (Quais seriam as partes mais férteis?)

E durante quanto tempo viajaram desta vez? A única resposta de Néfi é "pelo espaço de muitos dias (será que isto quer dizer um pouco mais vagarosamente, mas em viagem contínua?), matando animais pelo caminho com nossos arcos e flechas, fundas e pedras" (V. 15), até que precisaram descansar (V. 17.)

Então sobreveio a tragédia. No versículo 18, o arco de Néfi, "feito de aço muito bom" quebra, e seus irmãos ficam zangados, porque "os seus arcos também (tinham) perdido a elasticidade". (V. 21.) (O que faria com que se quebrasse um arco de aço, e com que os outros perdessem a elasticidade?)

Depois que Néfi fez um novo arco e flechas de madeira e caçou para a alimentação (Vv. 23, 31) (Que tipo de madeira poderia ele encontrar no deserto? Que espécie de animais poderia caçar?), eles reiniciaram sua "viagem, tomando aproximadamente o mesmo rumo (isto é importante para determinar sua rota) . . . por muitos dias". Néfi então especifica: "assentamos novamente nossas tendas (isto soa meio permanente, não é?), a fim de podermos descansar por algum tempo." (33.) (Bem, onde teria sido isso? E o que é "algum tempo"? Parece até haver um período determinado de tempo.) Então Ismael "morreu e foi enterrado no lugar chamado Naom". (V. 34.) (Chamado Naom por quem? Por que o teriam enterrado ali? Quanto tempo é provável que tenham durado a doença anterior à morte, o sepultamento e as cerimônias de luto?)

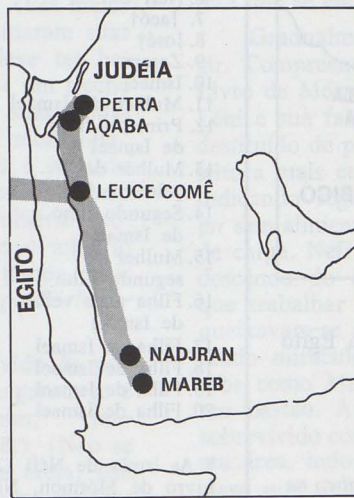
No capítulo 17, eles começam a viajar novamente, mas desta vez rumaram "sempre para o leste".

Ilustração 1 — Dois Relatos Antigos Possivelmente Relacionados à Trilha de Léhi.

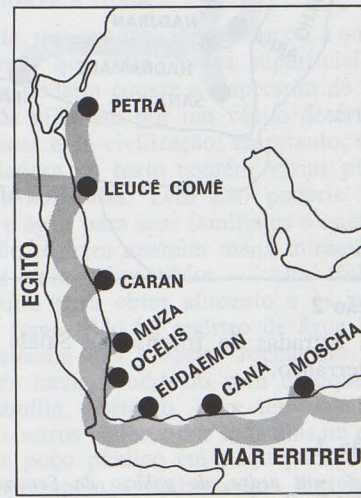
600 A.C.
Provável Trilha de Léhi.



24 A.C.
STRABO.
Relatos de uma malfadada expedição romana de 10 000 homens, que marchou por uma boa parte da provável Trilha de Léhi.



57 D.C.
PERIPLUS.
De um grego que partiu de navio do Egito para a Índia.



1. É um "deserto" da Judéia a Petra. (Strabo 16:4:21.)
2. A mercadoria é transportada por terra de Leucê Comê a Petra. (16:4:24.)
3. Muita gente morava ao longo da rota. (16:4:21.)
4. Relata que a estrada de caravanas de Petra a Leucê Comê poderia comportar um "exército". (16:4:23.)
5. A Arábia estéril por falta de água (16:3:1) e calor ardente. (16:3:3.)
6. Os árabes mantêm rebanhos de camelos. (16:3:1.)
7. Não cresce "nenhuma árvore" na costa do Mar Vermelho. (16:3:6.)
8. Existe grande riqueza no sudeste da Arábia. (16:4:3.)
9. Em Mareb, o incenso é negociado com mercadores de Aqaba, que fazem a viagem em setenta dias. (16:4:4.)

1. Os nabateanos controlam a estrada de Leucê Comê a Petra. (Periplus 19.)
2. Diferentes tribos habitam a extensão da Arábia, desde Leucê Comê ao Oceano Índico. (Periplus 19.)
3. Nas proximidades de Muza, existem povos nômades que criam camelos e ovelhas. (Periplus 20.)
4. Muza está cheia de donos de barcos e homens do mar, sendo muito movimentada comercialmente. (Periplus 21.)
5. Ocelis é uma cidade comercial e um lugar de abastecimento de água. (Periplus 25.)
6. Os camelos carregam incenso na Arábia. (Periplus 27.)
7. Em Moscha (provável "Abundância" da Trilha de Léhi), o incenso "encontra-se em pilhas por toda parte," e é exportado desse lugar. (Periplus 32.)



Ilustração 2

Antigas Estradas do Incenso de Salala ao Egito e Mediterrâneo.

Ilustração 3

Este relevo em pedra, do palácio da Senaqueribe, na antiga Ninive, ilustra a captura da cidade de Lachish, em Judá, no ano de 701 A.C. (data provável) pelos assírios. Este detalhe mostra as vestimentas de um cativo judeu dentro de um século dos dias de Léhi e a uns quarenta quilômetros da cidade de Léhi, Jerusalém. Indica também como os judeus do sétimo século A.C. carregavam um camelo. Uma vez que estavam no deserto, Léhi e seu grupo provavelmente se pareciam muito com este.

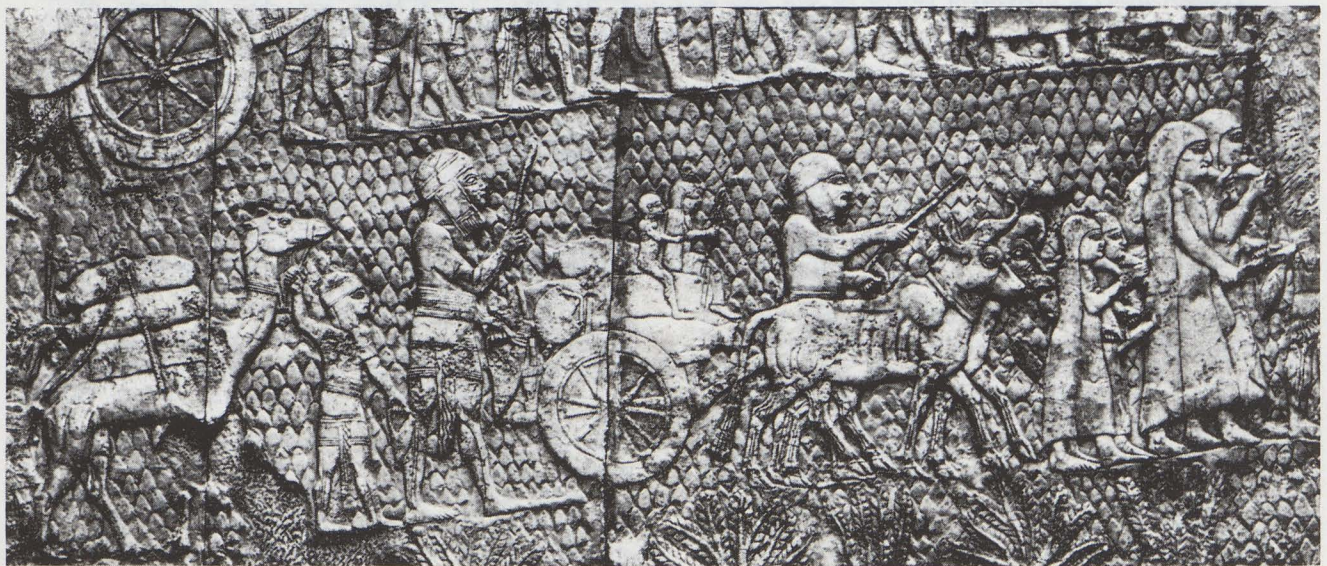


Ilustração 4

Tamanho Mínimo da Colônia de Léhi Enquanto no Vale de Lemuel.

Nome.

Identidade.

1. Léhi	Líder.
2. Sariah	Mulher de Léhi.
3. Lamã	Filho mais velho de Léhi.
4. Lemuel	Segundo filho de Léhi.
5. Sam	Terceiro filho de Léhi.
6. Néfi*	Quarto filho de Léhi.
7. Jacó†	"Primogênito" de Léhi no deserto.
8. José†	"Último nascido no deserto" de Léhi.
9. Zoram	Antigo servo de Labão. (1 Né. 4:35.)
10. Ismael	Pai de pelo menos dois filhos e cinco filhas.
11. Mulher de Ismael	
12. Primeiro filho de Ismael	O Livro de Mórmon refere-se a "os dois filhos de Ismael e suas famílias" (1 Né. 7:6), sugerindo esposas e possivelmente filhos.
13. Mulher do primeiro filho de Ismael	O Elder Erastus Snow comentou que o Profeta Joseph Smith disse que as filhas de Léhi se casaram com os dois filhos de Ismael. (JD. 23:184.)
14. Segundo filho de Ismael	Mulher de Zoram. (1 Né. 16:7.)
15. Mulher do segundo filho de Ismael	Mulher de Lamã.
16. Filha mais velha de Ismael	Mulher de Lemuel.
17. Filha de Ismael	Mulher de Sam.
18. Filha de Ismael	Mulher de Néfi.
19. Filha de Ismael	
20. Filha de Ismael	

* As irmãs de Néfi (2 Né. 5:6) não aparecem com seus nomes no Livro de Mórmon. Não sabemos se essas eram irmãs mais novas ou mais velhas do que Néfi, nascidas em Jerusalém, no deserto ou na terra prometida.

† Não sabemos se Jacó e José nasceram no Vale de Lemuel. Eles não são mencionados no Livro de Mórmon até a partida de Abundância, cerca de dez anos depois que Léhi saiu de Jerusalém. (1 Né. 18:7.)

Fotografia pelo Museu Israel em Jerusalém.

(Foi assim, até chegarem ao fim da jornada?) “E tivemos muitas aflições em nossa viagem.” (V. 1.) (O que significa “muitas aflições”?)

No versículo 2, descobrimos que eles estão vivendo “de carne crua”. (Seria isso as “muitas aflições”? Por que teriam precisado comer carne sem cozinhá-la?)

Depois de permanecer oito anos no deserto (V. 4), “chegamos ao lugar a que chamamos Abundância, por causa dos muitos frutos e também do mel silvestre que lá encontramos”. (O mel indica que havia flores e plantações florescentes, como a alfafa.) “E vimos o mar, ao qual chamamos Irreântum (deve ser diferente do Mar Vermelho), palavra que, interpretada, quer dizer muitas águas.” (V. 5.) (Era maior do que o Mar Vermelho?) Eles então armaram suas tendas “na praia”. (V. 6.) (Portanto deve ter havido uma praia hospitaleira ou pelo menos um trecho como uma campina, onde pudessem ficar suas tendas e animais.) No versículo 7, Néfi foi “à montanha” (Havia apenas uma? Deve ter sido perto) e inquiriu do Senhor onde encontrar “minério que eu possa fundir”. (V. 9.) (Haveria depósitos de minério próximos?) Ele fez então “ferramentas com o minério que fundi da rocha”. (V. 16.) (Quanto tempo, mais ou menos, leva este processo? De que tipo de ferramentas teria precisado?)

Os irmãos de Néfi rebelaram-se devido às privações e, quando Néfi os repreendeu, zangaram-se e “se aproximaram para lançar mão de mim... lançar-me nas profundezas do mar”. (V. 48.) (Não se pode fazer isso estando-se numa praia de areia; isto faz parecer que deveria haver penhascos escarpados em abundância.)

Impedidos pela mão de Deus, que os fez tremer, eles começaram a cooperar com Néfi na construção do navio, o qual, salienta ele três vezes em 18:2, “não era... igual ao (método) dos homens”. (Como sabia ele o que era construir um navio “igual ao dos homens”? Como este era diferente? De que era feito? Havia em abundância árvores suficientemente grandes para cortarem-se pranchas para navio?) Finalmente, “depois de termos preparado todas as coisas, muitas frutas e carne do deserto, mel em abundância e provisões... fomos para o navio com todas as nossas cargas e nossas sementes”. (V. 6.) (Sementes novamente — haviam feito nova colheita? Que provisões era provável que levassem? Esperavam uma viagem de quanto tempo? Seria a terra da Abundância relativamente pequena, de modo a não ser uma grande viagem ir caçar no deserto?)

Essas são algumas das pistas que Néfi nos dá, e essas eram algumas perguntas que nos vieram à mente. Assim, iniciamos o raciocínio, juntando possíveis respostas às nossas perguntas e examinando as obras de estudiosos, tanto antigos como modernos, para obter toda a ajuda que nos pudessem fornecer.

Tão importantes quanto as informações que coligimos através de nossa pesquisa, eram as interpretações daquela pesquisa e os conhecimentos e informa-

ções oferecidos espontaneamente por uma grande quantidade de amigos. Não teríamos, especialmente, podido obter sucesso sem os esforços extraordinários e a cooperação de Salim Saad, de Amã, Jordânia; Angie Chukri, do Cairo, Egito; Hassib Dajani, de Jidah, Arábia Saudita; Xeque Helwan Habtar, de Abha, Arábia Saudita; Sa'adi Fatafitah, da Tarquimia, Westbank via Israel; e Nabeel Mustakim, de Jerusalém, Westbank, via Israel.

Armados assim, com os conselhos de muitos, iniciamos imediatamente a pesquisa de biblioteca.

Entrevistas com os eruditos sobre Oriente Médio, tanto da Universidade de Utah como da de Brigham Young, prepararam nossa mente para a tarefa que se encontrava à frente.

Gradualmente, um quadro claro começou a emergir. Compreendemos que uma leitura superficial do Livro de Mórmon poderia causar a impressão de que Léhi e sua família viajaram por um vácuo desértico, destituído de pessoas e de civilização; entretanto, uma leitura mais cuidadosa do texto contém várias pistas indicando regiões habitadas. Léhi não poderia viajar sem alimento e água para seus familiares e animais de carga. Néfi não registra nenhum maná miraculoso descendo do céu para alimentá-los — eles tinham que trabalhar muito para obter alimento e às vezes queixavam-se da fome. Não há registro de água brotando miraculosamente das próprias rochas de Horebe como Moisés havia produzido com o toque de seu bastão. A família, portanto, deve ter viajado e sobrevivido como outros viajores dos seus dias na mesma área, indo de poço público em poço público. (É claro que tinham também a Liahona que lhes havia sido enviada do céu para ajudá-los.) Ao viajarmos pelo Oriente Médio, nunca vimos uma fonte de água fresca sem gente; numa região onde a água é tão preciosa, é pouco provável que existam muitos poços desconhecidos.

Certo local para acampamento, Naom, pode ter sido um lugar colonizado, pois Néfi diz que o lugar era “chamado Naom” e todos os outros lugares de acampamento citados — o vale de Lemuel, o acampamento de Shazer, a terra da Abundância — receberam nomes dados por eles. É claro que esses lugares também podem ter sido oásis comuns que foram simplesmente redenominados por Léhi. É hábito dos povos semitas denominarem as coisas de acordo com suas experiências pessoais; e, visto que tais lugares tiveram um significado tão grande para o grupo de Léhi, ele aparentemente lhes deu nomes particulares conhecidos de todos da família para ajudar a inculcar seus ensinamentos.

Néfi nos conta periodicamente que o grupo ofereceu sacrifícios de animais. De onde vinham esses animais? Rebanhos de cabras e ovelhas que vagassem por toda a paisagem em busca de forragem, teriam retardado sua viagem a um ritmo demasiado vagaroso, sendo que, diferentemente dos camelos, os cabritos e ovelhas necessitam diariamente de água. Entretanto, Léhi poderia ter comprado ou trocado esses animais com pastores beduínos locais e ainda viajar em uma velocidade normal de caravana.

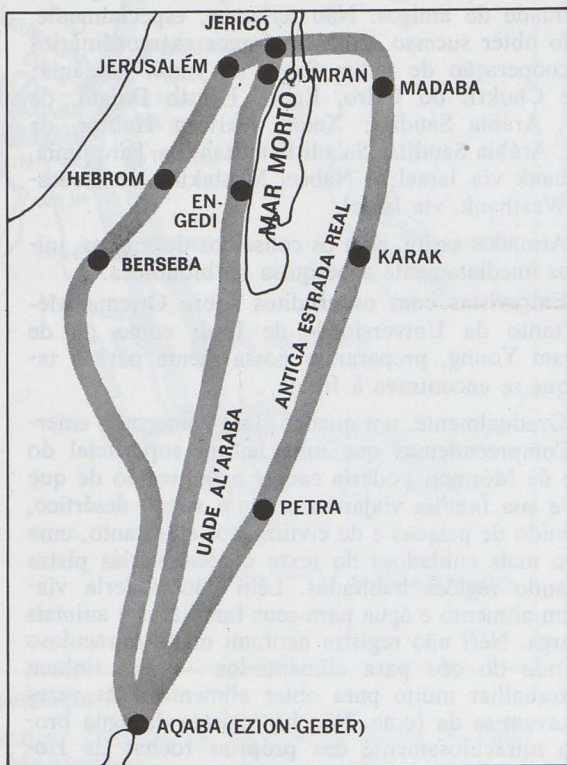


Ilustração 5 — Três Possíveis Estradas de Escape de Jerusalém para Aqaba, 600 A.C.

Rota 1: Vá pelo leste a Jericó, cruzando o Rio Jordão, daí siga a Estrada Real de M'daba até Aqaba. Rota 2: Vá para o leste quase até Jericó, para o sul ao longo da praia ocidental do Mar Morto e então para Aqaba, através do Uade al'Araba. Rota 3: Vá pelo sul a Hebron, rumo a sudoeste para Berseba, continue descendo o Uade al'Araba até Aqaba. Uma variante da rota 3 sai dela em Hebron e se une à rota ao sul de En-gedi.



4. Se Léhi tomou a Estrada Real em direção ao sul, teria passado por Petra, a antiga capital de Edom. Nos dias de Moisés, Petra chamava-se Sela. A plataforma sobre a qual a cidade é construída, é cortada do leste para o oeste pelo Uade (o Vale de Moisés), um dos lugares tradicionais em que Moisés golpeou a pedra e a água verteu. Petra enriqueceu-se com o tributo cobrado de toda caravana que passava pela Estrada Real.

5. Esquerda: Um dos muitos túmulos helenísticos de Petra, escavado na rocha, possivelmente 200 anos depois de Léhi haver deixado Jerusalém.

6. Direita: Jericó, uma das mais antigas cidades da Palestina, permaneceu durante milênios a 11 quilômetros ao norte do ponto em que o Rio Jordão deságua no Mar Vermelho;

7. Embaixo: A terra de Moab no início da primavera, vista da Estrada Real. Léhi pode ter viajado por aqui, se tomou a rota do extremo leste de Jerusalém.



Quanto à presença de outras pessoas, não pode haver dúvida de que tribos beduínas nômades ocupavam a península árabe desde tempos remotos. Por exemplo, Jetro, “o sacerdote de Midiã” e sogro de Moisés, vivia como beduíno na terra de Midiã. (Êxo. 2:16, 3:1.) Esta área no noroeste da Arábia Saudita pela qual Léhi provavelmente viajou, possuía um vasto número de rebanhos de gado: os exércitos de Israel, depois de conquistar Midiã, tomaram como despojo 675 000 ovelhas, além de muitos outros tesouros. (Núm. 31:43.)

Outra evidência de regiões habitadas ao longo da trilha de Léhi é encontrada quando Néfi começou a construir seu navio: ele especificou que não “construí o navio pelo método dos homens”. (1 Né. 18:2.) Será que ele poderia escrever isso, se não tivesse visto navios? Foi extremamente esclarecedor descobrir que por toda a costa do Mar Vermelho existem vilarejos de construtores de navios onde a antiga arte tem sido praticada por gerações.

O fato de que havia vilarejos e civilização bem estabelecida no árido deserto que acompanha a praia do Mar Vermelho dentro do período de 600 anos dos dias de Léhi, foi-nos afirmado por relatos de duas testemunhas oculares. (Ver ilustração 1.)

Usando relatos de primeira mão, Strabo, um historiador grego, escreveu a respeito do malfadado exército romano de 10 000 soldados de infantaria que saiu do Egito em 24 A.C., sob o comando de Aelius Gallus, para capturar a “terra do incenso” no sul da Arábia. Os soldados seguiram grande parte daquilo que apresentaremos como a provável trilha de Léhi e confirmaram que muitas pessoas viviam ao longo do caminho; que este em si era importante e bem conhecido, estendendo-se para o norte, do local em que haviam aportado na Arábia, em Leucê Comê, até Petra, na Jordânia; que a viagem foi difícil (a maioria deles morreu de fome, sede e doença, principalmente por causa de seu guia desleal); e que tiveram que carregar água em camelos e comprar suas provisões dos “pechincheiros e mercadores” árabes. (Strabo of Amasia, *The Geography of Strabo*, trans. Horace Leonard Jones, London: William Heinemann Ltd, 1930, 7:353-63.)

Um autor grego desconhecido escreveu uma narração de viagem denominada *The Periplus of the Erythraean Sea*, por volta do ano 57 A.D. Ele velejou em torno da península árabe, atracando em muitos portos que estão ao longo da provável rota de Léhi. Esse livro fornece uma declaração de uma testemunha visual de que, nos 600 anos da época de Léhi, havia muitas cidadezinhas e mercados, um grande tráfico de olíbano originário de Omã, intenso movimento de barcos e ventos monções regulares pelo caminho. (*The Periplus of the Erythraean Sea*, trans. Wilfred H. Schoff, Nova Delhi, Índia; Oriental Books Reprint Corp., 1974.)

Foi, para nós, uma descoberta importante verificar que tanto os mapas antigos da área como os modernos, indicam que, entre as estradas mais percorridas do mundo antigo, se encontram as geralmente bem conhecidas estradas do incenso. Uma delas per-

corria a costa do Mar Vermelho, cerca de três quartos da extensão da península árabe, voltando-se então para o leste. Em Nadjran, ela retornava novamente para o sul, entrando no Iêmen. A segunda rota acompanhava, de certa forma, a primeira, a cento e sessenta ou mais quilômetros para o interior, cruzando a rota costeira em Nadjran. Esta, entretanto, corria para o leste, indo de Nadjran para Salala. Tais estradas estavam em uso normal pelo menos 900 anos antes da época de Léhi e, provavelmente, até 2 200 anos antes. (Ver *The Periplus*, pp. 120-21.) As evidências relativas a ambas são amplas, mesmo hoje em dia. (Ver ilustração 2.) Todas as duas podem ser facilmente acompanhadas através das ruínas fragmentárias de fortes de pedras situados estrategicamente, construídos no século dez A.C. pela civilização sabéia.

A rota da trilha de Petra, na Jordânia, a Nadjran, na Arábia Saudita meridional, perto do paralelo dezenove da latitude norte, também é facilmente identificada pelas inscrições desérticas entalhadas por milhares de condutores de camelos nas pedras lisas dos montes, em ambos os lados da estrada. Esses mercadores trilhavam seu caminho monótono em direção ao norte, levando camelos pesadamente carregados, cujo precioso carregamento de incenso alimentava o apetite insaciável dos templos de Jerusalém, Egito e Babilônia.

Devemos notar que o termo **trilha** pode dar uma falsa impressão. Não se refere a caminhos ou estradas bem definidos e relativamente estreitos, mas a rotas mais gerais que atravessavam este vale, aquele desfiladeiro etc. A largura da rota variava de acordo com a geografia, indo de seiscentos metros a dezoito quilômetros, em sua amplitude. Os viajantes podiam, assim, acampar a grandes distâncias uns dos outros e ainda estar no mesmo ponto da mesma trilha.

Descobrimos que existia uma rota **bem** movimentada sul-sudeste pela costa do Mar Vermelho. Cremos que Léhi não teria deixado um caminho estabelecido para perambular por montanhas e desertos sem água. O Livro de Mórmon não diz que ele se estava escondendo nesta etapa de sua viagem, nem que estivesse fugindo, como alguns podem ter pensado; assim, é provável que ele se tenha mantido nas estradas conhecidas da época. Evidências adicionais desta hipótese são as palavras de Néfi de que eles viajaram pelas margens do Mar Vermelho (1 Né. 2:5), exatamente onde a estrada do incenso existiu desde os tempos antigos.

Ademais, as trilhas do incenso eram traçadas de modo a seguir a linha de oásis ou velhos poços. Num mapa moderno, feito pelo Ministério de Recursos Naturais da Arábia Saudita, a estrada mostra 118 poços a uma distância média de trinta quilômetros uns dos outros. Léhi não poderia ter traçado para si um caminho sem água, e que um cidadão descubra uma linha de poços ignorada pelos habitantes do deserto, é uma hipótese bem pouco provável.

Uma vez estando a caminho, Léhi e sua família devem ter encontrado muitos estranhos durante o percurso, a maioria dos quais não israelitas. Descobrimos que os árabes eram os principais viajantes em cara-

vanas no tempo de Léhi, e que os sabeus de Sana (agora a capital do Iêmen) podem ter sido freqüentes visitantes da tenda de Léhi, e vice-versa.

Assim, como resultado dos estudos feitos antes de nossa viagem, sentimos ter encontrado pelo menos uma possível rota em direção ao sul, seguida pela família de Léhi. Mas a sua existência levantou ainda mais perguntas. Por que o incenso era tão valioso? (Os autores registraram grandes caravanas de camelos indo para o norte, carregando 225 quilos cada um. Ver Van Beek, pp. 40-41.) Voltamo-nos para a Bíblia, procurando indícios, e descobrimos que, quando Jeová ordenou aos antigos israelitas, através de Moisés, que usassem incenso ao adorá-lo, lhes deu a fórmula de sua composição: partes iguais de estoraque, onicha, gálbano e incenso puro. Esta mistura era sagrada e não podia ser usada para outros propósitos, nem queimada por qualquer pessoa desautorizada. (Ver Êxo. 30:7-9, 34-38; Lev. 10:1-7.) Era símbolo especial de orações subindo a Deus (ver Sal. 141:2, Apo. 8:3-5) e originalmente queimado junto ao véu que encobria o Santo dos Santos. Pode também ter sido usado como um “desodorizante” contra os odores causados pela morte e queima de animais sacrificados. No dia da exipação, o incenso era queimado dentro do Santo dos Santos, para que o assento da misericórdia fosse “envolvido em uma nuvem de fumaça fragrante”.

Estudo adicional demonstrou que os judeus não estavam sós na combinação da adoração com o incenso; isto era “comum nas cerimônias religiosas de quase todas as nações antigas (egípcios, babilônios, assírios, fenícios etc.).

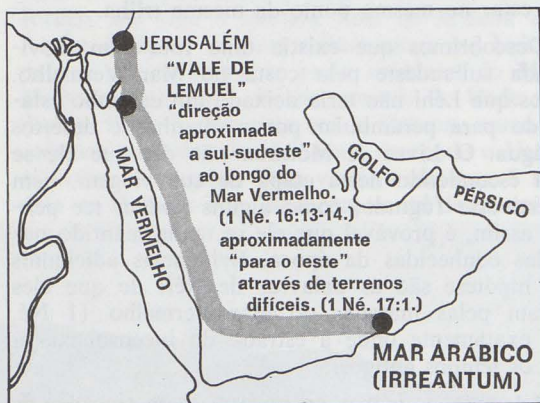


Ilustração 6
Provável Esboço da Trilha de Léhi.

8. Altos: O Golfo de Aqaba é o braço nordeste do Mar Vermelho. Léhi passou ou mesmo parou aqui durante um curto período, ao viajar “pelo deserto que margeia o mesmo mar”. (1 Né. 2:5.)

9. Esquerda: O Oásis de En-gedi aparece como uma surpresa na desolada praia ocidental do Mar Vermelho. Se Léhi foi para o sul por esta rota, pode ter parado nesta e em outras fontes de água fresca.

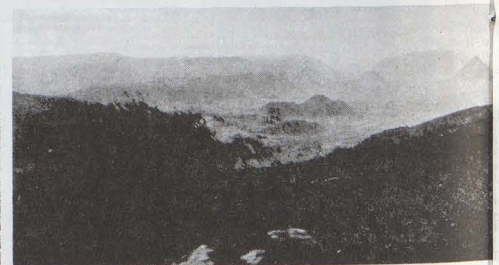
10. Direita: No cimo do Uade Al Araba. Podemos ver aqui onde se fundem as estradas de Jerusalém.

Sabíamos agora por que o incenso era tão procurado. Mas, por que seria tão dispendioso, e de onde vinha? Logo aprendemos que o incenso é a resina amarelo-cremosa seca da árvore do incenso, originária de Salala, uma pequena área em forma de foice, na parte inferior da península arábica. Salala situa-se na costa do Mar Árabe, no estado de Dhofar, no Sultanado de Omã. As árvores ali são “sangradas” duas vezes por ano. A resina pegajosa resultante, com seu aroma forte e fragrante, pode ser mastigada ou queimada. Hoje em dia, as crianças árabes **realmente** o mastigam, pois custa pouco mais que a goma de mascar, embora nos tempos bíblicos, o incenso e a mirra se emparelhassem com o ouro, como presentes apropriados para o Cristo menino. (Ver Mat. 2:11.)

Esta informação levantou várias perguntas em nossa mente. É óbvio que Léhi era um homem de riqueza considerável. A relação casual de “ouro e... prata e... coisas preciosas” que Néfi faz indica uma renda melhor do que a média.

Léhi possuía tendas — quando construí-las era um processo laborioso e demorado de tecelagem com o pêlo durável dos bodes. E, de acordo com um de nossos guias, Salim Saad, historiador eminente, os viajantes na Judéia geralmente acampavam em caravanas; as tendas eram usadas pelos viajantes do deserto. Por que um cidadão teria tendas em seu poder, prontas quando desejasse partir?

Salim aventou que podia ser que Léhi tivesse vivido nas “terras de sua herança” que talvez fossem alguns quilômetros distantes de Jerusalém. Nessas terras, ele poderia ter criado bodes, ovelhas, cultivado



frutas e cereais, com os quais supria um dos mercados, ou **sugs**, na velha e amuralhada cidade de Jerusalém. Outra possibilidade é a de que a verdadeira riqueza de Léhi fosse resultado de alguns negócios que o levassem ao deserto com certa frequência, como por exemplo, comprar de caravanas árabes suprimentos para os mercados de Jerusalém. Nesse tipo de trabalho, ele precisaria de tendas para abrigar-se, enquanto esperava a chegada de caravanas no deserto ao sul de Jerusalém.

É certo que tudo isto é apenas especulação; mas, se Léhi possuía algum tipo de negócio com os povos do deserto, isto poderia explicar várias coisas: (1) por que ele aparentemente possuía tendas e animais suficientes para mudar sua família, sem providenciar arranjos extraordinários; (2) por que seus filhos sabiam lidar com tendas e viajar no deserto; e (3) como ele possuía conhecimento suficiente das principais rotas e dos poços de água para sobrevivência, antes de receber a Liahona.

Ao falarmos de como eles realmente saíram da área de Jerusalém, estamos pisando em solo um pouco mais firme. É quase certo que o principal animal de carga em Jerusalém e nos campos montanhosos da Judéia era o jumento, melhor talhado do que o camelo para transpor os caminhos pedregosos e as vielas serpenteantes da cidade, com seus arcos e galerias salientes. Uma das razões pelas quais os comerciantes com camelos se desviavam de Jerusalém (os negociantes de Jerusalém saíam para encontrar as caravanas, quando elas passavam para o leste), era porque o solo ali se apresentava rochoso, com pedras afiadas que cortariam os pés grandes, desprotegidos e almofadados dos camelos. Passando pela estrada arenosa da costa ocidental e pela relativamente macia Estrada Real, uma estrada do século 23 A.C. que segue ao leste do Rio Jordão, da Síria para o Golfo de Aqaba ("King's Highway," **The New Bible Dictionary**, J.D. Douglas, ed., Grand Rapids, Michigan, Wm. B. Eerdmans Publishing Co., 1973, p. 700), as caravanas de camelos continuavam para o norte.

Assim, depois de muito estudo, sentimo-nos quase prontos para construir uma hipotética lista de passageiros e itinerário para a partida de Léhi de Jerusalém. Iniciamos com sua comitiva. Sabemos que Léhi levou sua mulher Sariah e quatro filhos. Pode ser que a comitiva tenha incluído também filhas, visto que Néfi menciona casualmente "minhas irmãs" muitos anos mais tarde, quando estavam na terra prometida (2 Né. 5:6.); mas elas poderiam ter nascido no deserto. Mais tarde, juntaram-se ao grupo Ismael e sua mulher, pelo menos dois filhos casados e suas famílias (1 Né. 7:6), cinco filhas solteiras e Zoram, antigo servo de Labão. Parece seguro estimar, então, que a comitiva de Léhi enfrentou o deserto com pelo menos vinte pessoas. (Ver ilustração 4.)

Por que Léhi escolheu a família de Ismael e não outra? É claro que era mais do que conveniente que Ismael tivesse cinco filhas, exatamente o número necessário para prover esposas para os quatro filhos de Léhi e Zoram. Mas, seria esta a única razão pela qual Léhi escolheu essa família em particular? Uma de-

claração feita por Erastus Snow pode derramar um pouco de luz sobre o assunto. Ele declarou que, de acordo com o Profeta Joseph Smith, os filhos de Ismael "casaram-se na família de Léhi" (JD, 23:184.) O Livro de Mórmon menciona "os dois filhos de Ismael e suas famílias" (1 Né. 7:6), o que indica que Ismael tinha dois filhos, que já eram ambos casados quando saíram de Jerusalém. Unindo estes fatos com a declaração atribuída a Joseph Smith, pode-se concluir que Léhi tinha duas filhas mais velhas e que as duas famílias se uniram pelo casamento antes de saírem de Jerusalém! É algo simplesmente natural que Léhi mandasse buscar o resto de sua família, para que eles também pudessem escapar da destruição de Jerusalém.

Com o simples propósito de encarar esse grupo de pessoas sob um aspecto mais humano, divagamos quanto à idade de alguns deles. Calculamos que Néfi era um adolescente, quando saiu de Jerusalém. Pela época em que voltaram para obter as placas de latão de Labão, entretanto, Néfi havia crescido o bastante, fisicamente, para poder descrever-se como "sendo muito jovem, apesar de minha grande estatura". (1 Né. 2:16; ver também 4:31.) Ele tinha força física para agarrar e segurar Zoram (1 Né. 4:31) e para cortar a cabeça de Labão (1 Né. 4:18). Tinha também idade suficiente para ter tido grandes experiências espirituais, incluindo-se uma visão do Salvador. (1 Né. 11.) Algum tempo mais tarde, ele e seus irmãos voltaram novamente a Jerusalém e trouxeram Ismael e sua família; Néfi tinha agora idade suficiente para casar-se (1 Né. 16:7), e sua mulher deu-lhe filhos no deserto (1 Né. 18:19.) Estas considerações nos levam a estimar a idade de Néfi, quando ele deixou Jerusalém, em 16 anos; talvez dezessete anos, quando o Senhor o visitou; talvez dezoito, quando decapitou Labão e prendeu Zoram; e talvez dezenove anos de idade, ao casar-se.

Um exame semelhante feito pelo Presidente George Q. Cannon levou-o a concluir que "provavelmente Néfi não tinha mais do que quinze anos de idade", quando saiu de Jerusalém. (George Q. Cannon, **The Life of Nephi, the Son of Lehi**, Salt Lake City: The Contributor Co., 1888, p. 14.)

Presumindo que os irmãos mais velhos de Néfi tenham nascido com intervalos de dois anos, podemos estimar suas idades. Se a mãe Sariah tivesse uma idade estimada em dezesseis anos ao dar à luz pela primeira vez, teria quarenta e cinco anos, quando nasceu José, seu último filho nascido no deserto, o que não está além da experiência de muitas mulheres, tanto daquela época como de agora. Pelo costume, Léhi teria provavelmente uma idade estimada em dez anos mais que sua mulher, de acordo com nossos amigos do Oriente-Médio.

Pode ser que Ismael fosse ainda mais velho, pois tinha dois filhos casados e com famílias, enquanto Léhi não tinha nenhum. Estimamos Ismael como sendo, talvez, apenas uns quatro anos mais velho do que Léhi, sendo sua mulher dez anos mais nova.

Entretanto, com apenas seis pessoas relacionadas na comitiva original de Léhi, de quantos jumentos

precisariam para sair de Jerusalém? Calculamos de nove a doze para levar as provisões, pertencentes pessoais e tendas. Foi-nos assegurado pelos beduínos a quem visitamos, que as tendas pesariam cerca de 800 quilos e que teriam sido embaladas separadamente, como por exemplo, as paredes, divisões e cobertura em três jumentos diferentes. Assim, com a necessidade de três burros para cada tenda, e um jumento por pessoa para levar as provisões, chegamos a um **mínimo** de nove jumentos. A chegada do grupo de Ismael certamente aumentaria o rebanho.

Agora, quanto à rota que tomaram para sair de Jerusalém ou de seus arrabaldes, descobrimos que há três vias que saem de Jerusalém (ver ilustração 5), cada uma das quais os levaria para a cidade de Aqaba, na cabeceira do Mar Vermelho, a grande intersecção das estradas do incenso e a única passagem para o sul, ao longo do Mar Vermelho. Uma rota ia para o leste, partindo de Jerusalém para Jericó, através do árido deserto judeu, depois cruzava o Rio Jordão e se juntava à Estrada Real, descendo pela banda oriental do Mar Morto, através das cidades de Madaba, Karak e Petra, para Aqaba — tudo isto encontrando-se no atual Reino Hashemita da Jordânia. Esta é a principal antiga estrada norte-sul, serpeando por montanhas e “uades”. (“Uades” são leitos secos de rios intermitentes cheios de areia ou vales entre montanhas que recebem o escoamento da chuva que vem das íngremes montanhas à sua volta. Assim, durante a estação chuvosa, eles podem tornar-se correntes perigosas e lamacentas. Mas, durante a estação seca, são grandes “super-estradas” almofadadas de areia com declives graduais e passagens suaves através dos montes contrastantemente acidentados e impenetráveis.)

Léhi teria que passar pelos reinos de Amom, Moabe e Edom nesta rota oriental; e embora a família não enfrentasse nenhum perigo, é quase certo que teriam sido sujeitos a impostos em cada fronteira.

Outra rota possível sai de Jerusalém e vai para Hebrom, no sul, continuando depois rumo sudoeste para Berseba, descendo daí pelo Uade al ‘Araba para Aqaba. Uma variante desta rota desvia-se para o leste em Hebrom e cruza a Montanha do Sal por um caminho que ainda é uma simples trilha de pedestres, desde um íngreme declive e emerge na praia ocidental do Mar Morto, justamente abaixo do oásis de En-gedi, juntando-se nesse ponto, à outra possível estrada que será descrita a seguir. Essa estrada parece uma alternativa extremamente complicada e difícil.

A terceira rota saída de Jerusalém para o leste através da mesma estrada que a primeira, voltando-se para o sul pouco antes de Jericó, passando a oeste do Mar Morto, atravessando as cavernas e despenhadeiros de Qumran e então através do Uade al ‘Araba, para emergir em Aqaba. Nossos amigos do Oriente Médio, versados na história de seu passado, contam-nos que esta última rota é a mais provável.

Mas, não importando qual desses caminhos Léhi tenha usado para sair de Jerusalém, todas as três rotas convergem para o sul do Mar Morto no Uade al ‘Araba, que leva a Aqaba, na cabeceira do Mar Vermelho,

no Golfo de Aqaba. Estar em Aqaba deve ter sido bem educativo para o jovem Néfi, pois era um centro de fundição de minérios e de construção de navios, trabalhos que, mais tarde, se tornaram muito úteis para Néfi.

Aqaba, anteriormente denominada Ezion-geber, era a principal cidade do antigo reino desértico de Edom.

Aqaba situa-se no único caminho entre Jerusalém e a antiga estrada da costa do Mar Vermelho, o cruzamento da civilização com o deserto naquele mundo antigo.

Os leitores devem lembrar-se de que Néfi menciona ter alcançado as “margens do Mar Vermelho” (1 Né. 2:5.) e **depois** “viajado por três dias no deserto” (V. 6) antes de armar sua tenda no vale Lemuel. É, pois, concebível que o acampamento de Léhi naquele vale ficasse a apenas três dias de viagem daquele principal porto e cidade industrial do Mar Vermelho, do território antes israelita e atualmente edomita; em suas várias viagens para Jerusalém, passando por Aqaba, Néfi pode ter tido oportunidade de estudar sua tecnologia. Na realidade, o Livro de Mórmon cita mais quatro dessas viagens através da área, as idas e vindas para obter as placas de latão e para trazer Ismael.

Mas, para onde teria ido Léhi depois de Aqaba? Toda a península arábica encontrava-se diante deles, é certo, mas é a bem movimentada rota do incenso que corre em direção sul-sudeste ao longo de toda a costa árabe do Mar Vermelho, com 118 poços de água conhecidos em seu trajeto. Chegando a este ponto de nosso estudo, um item da história da Igreja tornou-se muito esclarecedor: o Profeta Joseph Smith disse que “Léhi viajou ao largo do Mar Vermelho até chegar ao grande oceano do sul, e cruzou-o em direção a este país”, querendo dizer a América. (Ensinamentos do Profeta Joseph Smith, p. 260.)

Visto que o Mar Vermelho não segue diretamente o rumo norte-sul, a comitiva de Léhi teria vindo “na direção aproximada a sul-sudeste” (1 Né. 16:13) ao seguir aproximadamente sua costa. Então, depois da morte de Ismael em Naom, eles voltaram-se “para o leste” (1 Né. 17:1) até chegarem às muitas águas.

O cuidado de Néfi em especificar direção **aproximada** sul-sudeste e o mesmo quanto ao leste, permite-nos fazer uma especulação muito provável quanto ao local de seu destino, o país da Abundância.

Ao descrever aquela terra, Néfi indicou que devia possuir água, frutos, grandes árvores para um navio, grama, abelhas silvestres, flores ou floração, uma montanha, uma praia, um penhasco divisando as profundezas do mar e minério. Por incrível que possa parecer, toda a costa sul da península arábica, desde Perim a Sur, tem **somente um lugar** em toda sua extensão de 2.240 quilômetros que se enquadra nessa descrição. É uma pequena foice de terra que se curva ao redor de uma ínfima baía, de cerca de 45 quilômetros de comprimento e 11 de largura, tendo atrás de si as Montanhas Qara. Durante três meses do ano, as nuvens das monções vão-se acumulando nos acíves

que se defrontam com o mar e os cobrem com neblina, garoa e chuva de verão. Este lugar é Salala, no estado de Dhofar, o Sultanado de Omã. Em ambas as direções, a costa se alonga em aridez constante. Repetimos, este é o **único** lugar em toda a praia da península arábica, que recebe significativa carga pluvial e onde crescem grandes árvores — e sabe-se que assim tem sido há bem mais de dois mil anos.

Descobrimos, a seguir, a razão de seu antigo tráfico: Salala é o único lugar na terra em que são nativas as árvores de incenso. Mudanças foram transplantadas para o Iêmen e para a Somália, na costa africana; mas, na época de Léhi, Salala praticamente retinha o monopólio.

Seria possível que Salala, o ponto inicial das rotas do incenso e o único lugar do Mar Árabe em que existia madeira suficiente para construir um navio, fosse a terra da Abundância? Estudamos minuciosamente os mapas e histórias antigas, tentando juntar as peças da possível rota de Léhi entre Aqaba e Salala.

Descobrimos que a principal rota do incenso se voltava para o leste, perto do paralelo 19. Mas, para que o grupo de Léhi continuasse em direção ao leste, uma vez chegado a Nadjran onde a trilha vira para o sul, eles tinham que viajar por um caminho alternativo menos usado da rota do incenso, que acompanha a borda sul do grande deserto de Rub'al Khali. Eles seguiram, provavelmente, as orientações fornecidas pela Liahona. Assim, o grupo evitou atravessar a grande nação pagã ao sul, Saba, (Van Beek, p. 41) com sua próspera capital (chamada antigamente de

Marib) e o vale agriculturalmente produtivo de Hadhramaut. Talvez Léhi não desejasse tentar mais alguns dos membros inconstantes de sua colônia, expondo-os às tentações da civilização florescente que ali existia. Depois de haver estado em pequenas povoações durante anos, teriam alguns membros da comitiva se recusado a prosseguir, caso tivessem visitado o principal centro ao sul? Na rota menos usada que ia para o leste, em um lugar os poços distam 106 quilômetros um do outro. Para nós, este itinerário explica as terríveis privações mencionadas por Néfi (1 Né. 17:1) antes de chegarem ao paraíso tropical ou semitropical de Abundância.

Ficamos então imaginando o tempo que teria levado a jornada. São 3 363 quilômetros de Jerusalém a Salala. (Ver ilustração 7.) Qual é a velocidade dos camelos? E dos jumentos? Contamos aqui com a ajuda de Salim Saad, um experimentado condutor de camelos e antigo oficial do Exército Inglês. De serviço em Uade Araba, ele tornou-se amigo de muitos beduínos do deserto. Explicou que uma caravana de burros carregados pode viajar trinta e dois quilômetros em seis horas. Consultando sua assombrosa biblioteca de história árabe, mostrou-nos um exemplo de uma caravana de camelos composta de milhares de camelos que faziam uma média de 38 quilômetros por dia no **Haj** (peregrinação islâmica) do Cairo a Meca.

Outra medida foi quando o patriarca Jacó, na Bíblia, fugiu com seus filhos e esposas em camelos, com seu gado, de Padã-Arã (Harã, na Mesopotâmia) para o Monte Gileade, uma distância de aproximadamente 600 quilômetros, em dez dias. (Gên. 31:



JULHO DE 1977

Ilustração 7

Possível Rota da Jornada de Léhi no Deserto. 600-592 A.C.

(O primeiro nome em cada localidade é a denominação atual, seguida pelo nome antigo do Livro de Mórmon, Bíblia ou alguma fonte antiga.)



11. Esquerda superior: No inverno, o capim seco dos montes de Salala é colhido.



12. Direita superior: Os declives das Montanhas Qara em Salala são um contraste notável em relação ao deserto que as circunda. (Possivelmente a Terra da Abundância.)



13. Direita inferior: Os penhascos de Salala, possivelmente o local em que os irmãos de Néfi procuraram atirá-lo nas profundezas do mar.

18-23) — uma média de sessenta quilômetros por dia. Ele foi alcançado por seu furioso sogro Labão, que cobriu a mesma distância em sete dias ou 86 quilômetros por dia! Se considerarmos todos esses números ao computar uma média, poderemos supor que Léhi poderia ter viajado cerca de 38 quilômetros por dia, a despeito do tipo de animais que usasse. Em outras palavras, eles poderiam ter vindo de Jerusalém a Salala, em aproximadamente noventa dias. Entretanto, Néfi relata que a comitiva levou oito anos para chegar a Abundância. (Ver 1 Né. 17:4.) Onde passaram esses oito anos?

Vamos partir do princípio. Podemos supor que o grupo não vagueou para sair de Jerusalém e que eles poderiam provavelmente ter viajado pelo menos 20 quilômetros por dia. Isto significa de oito a doze dias entre Jerusalém a Aqaba. De lá, viajaram “três dias no deserto” e acamparam no Vale de Lemuel. (1 Né. 2:6.) Ao examinar os mapas e o local, achamos que há somente um oásis que poderia enquadrar-se como este importante lugar de acampamento — Al Beda, no Uade El Afal, Arábia Saudita. Ali eles podem ter ficado por um período tão longo quanto dois ou três anos, e muito ocupados, o que poderia incluir o envio dos filhos de volta a Jerusalém duas vezes com tarefas, com um mês de viagem em cada uma das idas, mais o tempo necessário para a preparação na volta, e os dias despendidos regateando com Labão e reunindo seu ouro e prata. Seguiram-se longos dias de estudo e condensação das placas de latão.

E quando Ismael e sua família a eles se juntaram, teria havido a preparação para os cinco casamentos, assim como os festejos que os acompanharam.

É também provável que Léhi tivesse usado o tempo de maneira útil, fazendo plantações. Isto parece ser indicado pela declaração de Néfi, quando a colônia estava prestes a deixar o Vale de Lemuel: “Reunimos todas as coisas que deveríamos levar para o deserto, e todo o **restante das provisões que o Senhor nos tinha dado e também as sementes de toda espécie.**” (1 Né. 16:11; *italicos acrescentados.*) Sim, achamos que poderiam facilmente ter-se passado vários anos nessas atividades.

O acampamento do Vale de Lemuel deve ter sido um lugar seguro para o descanso de Léhi. Ele havia viajado três dias além da cidade de estaleiros de Aqaba, para o interior da nação estrangeira de Midiã, estando, portanto, presumivelmente fora do alcance de qualquer um de Jerusalém que ainda procurasse matá-lo.

Depois do período no primeiro acampamento, as duas famílias, agora unidas por pelo menos quatro casamentos (Zoram casara com uma das filhas de Ismael), arrumaram a bagagem e partiram em direção sul-sudeste ao longo da praia do Mar Vermelho, para um lugar a quatro dias de viagem ao qual chamaram de Shazer. Fizemos um exame do mapa, estimando que, em quatro dias, eles poderiam ter coberto cerca de 160 quilômetros, o que os teria levado ao oásis de Azlan, no Uade Azlan. (Ver ilustração 7.) Este representa o lugar natural onde podem ter parado por certo tempo.

Não sabemos por quanto tempo a família descansou em Shazer, possivelmente o bastante para fazer uma semeadura e esperar a colheita. Mas Néfi repete que depois de certo período, eles se mudaram novamente, rumando ainda para o sudeste. (16:14.) Neste período, eles parecem ter dependido da caça para alimentar-se. (16:15.) Por quê? Teria a plantação fracassado? Que tipo de caça encontraram? De qualquer forma, eles continuaram movendo-se até que “depois... (do) espaço de muitos dias” armaram suas tendas para descansar e obter mantimentos. Néfi não menciona o nome deste local de acampamento, mas, para ele, foi o Acampamento da Tribulação — o arco de aço de Néfi quebrou-se e a família enfrentou fome, visto que os outros arcos haviam “perdido a elasticidade”. (16:21.) É possível que a família tenha tentado fazer plantação novamente. O que sabemos é que Néfi, segundo instruções do Senhor, fez um novo arco de madeira e saiu novamente para caçar.

É possível que outra estação de ceifa tenha passado antes que as famílias prosseguissem na mesma direção para Naom, localizada no paralelo dezenove ou perto dele. Pode ser que ali a estada tenha sido maior, visto que o membro mais velho da colônia, Ismael, faleceu. (16:34.) Certamente, para o conforto dele, devem ter procurado não viajar; então, pode ter havido um período de luto antes de levantarem acampamento e prosseguirem. Néfi diz, especificamente no caso da parada em Naom, que Léhi permaneceu ali para “descansar por algum tempo”. (16:33.)

Quando o grupo saiu de Naom, eles voltaram-se “para o leste”, andando pelo menos até chegarem a Abundância, nas praias do Irreântum. (1 Né. 17:1-5.) Haviam passado oito anos no deserto (17:4), e passariam um período indefinido em Abundância. Tentamos calcular quanto tempo seria necessário para beneficiar minérios, fazer ferramentas, construir um navio e colher grãos para a sua viagem. Poderia ser feito em um período de dois ou três anos? Dando uma diferença de quatro anos entre a cronologia bíblica estabelecida e a cronologia do Livro de Mórmon, Jerusalém teria sido destruída enquanto eles estavam em Abundância. É interessante notar que, por ocasião de sua chegada à América, Léhi havia recebido uma visão que confirmava a destruição de Jerusalém. (2 Né. 1:4; ver também 2 Reis 25:2.)

Assim terminou nossa pesquisa. Ao juntarmos as peças da rota e da cronologia, temos Léhi trilhando uma das estradas mais usadas da antigüidade, a rota do incenso, que começa em Salala, Omã. Para nós, isto explica a presença de fontes de água, a direção seguida pelo grupo e as pessoas que, sem dúvida, encontraram.

Estávamos agora prontos para testar a hipótese passando pelos locais, verificando as distâncias, procurando por nós mesmos a existência da rota do incenso e examinando essa área de séculos de idade que tão bem se enquadra na descrição de Abundância. Estávamos prontos para a Arábia! (Continua)

Uma Viagem Moderna pela Trilha de Léhi

Gerald Silver

Conforme narração a Lynne Hollstein



Nos 146 anos que se passaram desde a organização da Igreja, nenhum membro jamais se aventurou no Oriente Médio, a fim de tentar redescobrir e seguir a trilha de Léhi através do deserto.

Quando a revista "Ensign" solicitou a Lynn e Hope Hilton que fizessem a viagem e eles me convidaram a acompanhá-los como fotógrafo, desejávamos fornecer à Igreja o máximo de informações possível.

Estávamos também cientes de que haveria dificuldades. Os países árabes não permitem, de boa vontade, que estrangeiros (especialmente americanos e cristãos) ultrapassem suas fronteiras, e o problema de obter vistos era sério e constante.

Entretanto, ao prosseguirmos a viagem, começamos a sentir que o Senhor estava influenciando aquilo que fazíamos.

Ele nos ajudou a superar as situações mais difíceis, para que realizássemos tudo o que tínhamos ido fazer ali.

Os Hilton foram escolhidos para ir, devido a sua familiaridade com o Oriente Médio e o amor que por ele sentiam — especialmente pelos países árabes. Lynn fora dono de uma agência de viagens durante doze anos, e isto o levava a dúzias de viagens organizadas ao Oriente Médio. Hope havia estudado árabe, e ela e Lynn tinham estabelecido uma fundação para dar apoio educacional a estudantes nos países árabes.

Certa vez eu havia guiado os Hilton em uma viagem pelo Rio Colorado. Creio que eles não me convidaram a ir com eles apenas para tirar fotografias, mas sim porque eu sabia como achar água no deserto.

Ao fazer a marcação da trilha de Léhi de Jerusalém, Israel, a Salala, Omã (que se crê ser a terra da Abundância), sabíamos que teríamos que começar pelo fim e seguir a trilha ao contrário. Algumas nações árabes não permitem a entrada em seu território de estrangeiros que tenham estado, primeiramente, em Israel.

Os problemas com os vistos provaram-se um desafio desde o princípio. Hope foi a Washington D.C., a fim de conversar com os embaixadores de Omã e da Arábia Saudita a respeito da permissão. Isto transcorreu muito vagarosamente. Lynn falou com alguns negociantes árabes que eram seus amigos. Isso também não funcionou.

Quando saímos dos Estados Unidos, em meados de janeiro, ainda não tínhamos vistos para esses dois países.

Havíamos todos recebido bênçãos especiais do Élder Robert D. Hales, na época um assistente dos Doze, que nos abençoou para que pudéssemos realizar tudo o que precisássemos.

Com fé em suas palavras, decidimos subir no avião e ir até onde conseguíssemos. Quando aterramos no Cairo, Egito, ainda não pudemos obter os vistos para Omã e a Arábia Saudita, mas, no dia seguinte, começamos a compreender que aquilo que Brigham Young dissera sobre o trabalho do Senhor era verdadeiro:

"Se você fizer tudo o que lhe for possível para realizar o trabalho do Senhor, e ainda assim não o conseguir completar, então tem o direito de pedir a Deus que o ajude."

Aterrmos em Mascate, Omã, ainda sem vistos, e com o cenho cerrado observamos um inglês, com os mesmos problemas que os nossos, ser advertido de que deveria pegar um avião e deixar imediatamente o país.

Neste ponto, fizemos muitas orações. Quando o funcionário da imigração se aproximou de nós, forneceu-nos — simplesmente por sua própria vontade — permissão para passarmos seis dias no país.

Descobrimos, mais tarde, que, se tivéssemos dito ao oficial que estávamos planejando ir a Salala, que estava então em zona militar perigosa, ele nunca nos teria deixado sair do aeroporto.

No final das contas, conseguimos chegar a Salala. Certa noite, de volta ao nosso hotel em Mascate, lembrei-me de parte da bênção que o Élder Hales me dera. Disse-me que falasse aos meus companheiros nos países árabes (o pessoal jornalista) e tentasse obter com eles tão boa influência para a Igreja quanto pudesse.

Cedo, na manhã seguinte Lynn e eu fomos ver o ministro das informações de Omã (encarregado da televisão, rádio e jornais). Ele nos disse que poderíamos ir a Salala, se obti-

véssemos uma carta declarando que o embaixador dos Estados Unidos nos patrocinaria. Os funcionários norte-americanos cooperaram muito para o fornecimento da carta e, sem grande perda de tempo, partimos para a terra que poderia ter sido Abundância.

Salala é linda. Embora ouvíssemos tiros ao longe, a área era pacífica. Estávamos descobrindo em nossos estudos que as pequenas cidades nos países árabes não mudaram muito desde os dias em que Léhi pode tê-las atravessado.

Por outro golpe de boa sorte, o oficial encarregado das informações conseguiu que fôssemos procurados em Salala por um jovem americano que trabalhava em uma das fazendas do sultão... e conhecia muito bem a área. Ele nos levou de carro para toda parte durante nossa breve estada e pudemos tirar algumas belas fotografias.

Lynn dera jeito de conseguir em Omã um visto temporário para a Arábia Saudita e havia enviado Hope e sua filha Cynthia na frente, para Djidda. Eu ainda não tinha visto e, quando aterrámos em Dhahram, na Arábia, as coisas pareceram ir mal novamente. Foi-me dito que eu precisava sair do país imediatamente; assim, no mesmo instante, passei para Lynn alguns rolos de filme e logo me achei deportado para o pequeno sultanato de Bahrein.

Entretanto, depois de muita oração ao Senhor quanto ao assunto, pude conseguir uma carta dos funcionários americanos dali, e a levei à embaixada da Arábia Saudita. Dentro de horas, eu estava com um visto nas mãos. Depois do que me disseram durante seis meses, nos Estados Unidos, que eu nunca obteria um visto para a Arábia, isto era, para mim, um milagre.

Deste ponto em diante, experimentei vários milagres, um após outro. Enquanto seguia para o aeroporto, a fim de voltar a Dhahram, Arábia, lembrei-me de que todos os vôos dependem de espera. Algumas pessoas no aeroporto superlotado estavam esperando havia dois dias para tomar o avião. Minhas probabilidades de embarcar no próximo vôo pareciam sombrias.

Mas, enquanto estava ali, novamente orando, o encarregado das passagens veio, pegou a minha e, sem nenhuma razão aparente, carimbou-a como o primeiro na fila de espera. Só dois de nós pudemos embarcar nesse avião.

Descobri que esse tipo de coisa iria acontecer-me vez após outra. Chegando a Dhahram, tive que ficar novamente sujeito à espera para Djidda. Ali também o encarregado das passagens, novamente sem nenhuma razão (mas depois de eu haver feito outra oração), carimbou minha passagem como número um na fila de espera, e prossegui meu caminho.

Os hotéis em Djidda estão quase sempre lotados com a antecedência de meses, até mesmo de anos. Ter-me-ia sido impossível conseguir um quarto. Entretanto, na viagem de avião para lá, encontrei um árabe de Djidda que me perguntou se eu tinha onde ficar. Disse-lhe que não, e ele redargüiu: "Você ficará em casa esta noite."

Tratou-me com uma gentileza incrível. Permaneci em sua vila naquela noite, e na manhã seguinte, ele mandou-me para o aeroporto, a fim de tomar um avião para Abha e tentar encontrar os Hilton. Fui novamente colocado como um dos primeiros na lista de espera.

Imaginei que os Hilton estivessem dois dias à minha frente, mas não fazia idéia de como encontrá-los, uma vez tendo chegado a Abha. Sentado no aeroporto de Djidda, conversando com o Senhor a respeito de minhas preocupações, levantei os olhos e vi os Hilton entrando. Suas passa-

gens estavam marcadas para o mesmo avião; ficamos extremamente alegres, abraçamo-nos, rimos e até choramos.

Chegando a Abha, foi-nos dito que não poderíamos ir a lugar algum sem permissão do príncipe local. Ele estava fora da cidade. Mas, ao tentar encontrar alguns historiadores locais que nos pudessem ajudar, fomos encaminhados ao irmão do gerente do hotel, que havia estudado nos Estados Unidos e tinha parentesco com o príncipe. Ele conhecia toda a história da área e gentilmente nos levou para conhecer a cidade durante os três dias seguintes, como seus convidados.

Quando chegamos ao aeroporto para deixar Abha, um funcionário que me vira tirar fotografias, solicitou o filme. Afortunadamente acabara de recarregar minha câmera, assim, eu a abri e dei-lhe um filme que tinha apenas duas chapas batidas. Ele não me pediu os cinco rolos de filme batidos que estavam em meu bolso.

Mas, havia mais problemas à frente. Outro funcionário deu uma olhada em meu volumoso equipamento fotográfico e disse-me que ficasse de lado até que todos houvessem entrado no avião. Foi um momento de muito nervosismo, e eu estava orando com fervor, e estou certo de que os Hilton também estavam, enquanto esperavam no avião.

Sei, sem sombra de qualquer dúvida, que o Espírito Santo tocou esse homem. Quase pude notar uma transformação em seu rosto, quando ele finalmente me chamou, examinou meu passaporte e disse-me que tomasse o avião.

Encontramos uma loja de antigüidades beduínas na Jordânia, que continha muitas peças que poderiam ser semelhantes às que Léhi levou em sua viagem — sacos de água de couro, arreios de camelos e sacos para azeite de oliva feitos de pele de mangusto — e obtivemos muito mais boas fotografias.

Em Amã, na Jordânia, reunimo-nos com o ministro jordaniano de informações e fizemos arranjos para que o Departamento Genealógico da Igreja filmasse registros familiares no país.

Reuni-me também com o ministro de assuntos árabes na margem oeste ocupada de Israel, que nos deu permissão para que o Departamento Genealógico filmasse ali os registros árabes.

Os registros familiares são para o povo árabe a coisa mais sagrada do mundo. Sempre que explicamos o princípio da Igreja de preservar os registros familiares, eles mostram-se entusiasmados. Ficaram extremamente felizes ao saber que seus registros ficariam selados em um cofre de granito, a fim de serem preservados para sempre.

O povo árabe é maravilhoso. São calorosos e quase ingênuos por natureza. Quando receberem o evangelho, estou certo de que veremos uma fé tremenda e muitos milagres entre eles.

Continuei, durante toda a viagem, recordando o apelo do Presidente Kimball a todos os membros da Igreja para que orem, a fim de que sejam abertas as portas nos países onde a Igreja ainda não está estabelecida.

Os Hilton e eu experimentamos os resultados dessas orações ao vermos se nos abrirem as portas e os povos deixando-nos entrar em seus países, sem sabermos realmente por quê.

Vimos o Senhor seguindo à nossa frente e preparando nosso caminho, e ajudando-nos a realizar aquilo para o que havíamos sido enviados.



Esta é minha história, e embora eu seja um garoto com não mais de oito anos, conheço o grande poder da oração.

Quando estava com cinco anos, sofri um sério acidente que fortaleceu o meu testemunho, assim como o dos meus parentes.

Vivemos na Colômbia, América do Sul, e éramos membros da Igreja havia dois anos, quando minha avó dos Estados Unidos veio visitar-nos por ocasião do Natal.

Depois dos feriados, vovó, que não era membro da Igreja, permaneceu conosco e concordou em ouvir as palestras dos missionários. Embora ela não abandonasse seus hábitos contrários à Palavra de Sabedoria, disse que acreditava nas coisas que os jovens missionários lhe disseram.

Nossa família ficou muito triste e desapontada quando vovó disse, depois de cerca de quatro meses, que iria dizer aos missionários que decidira não ser batizada. Mas prometeu que continuaria a orar e estudar a respeito da Igreja até voltar aos Estados Unidos.

Certo dia, na primeira parte do mês de junho, desci do ônibus em frente à escola e, sem observar cuidadosamente, atravessei na frente de um ônibus que vinha em direção oposta.

Meu irmão Ronald e minha irmã Jackie estavam comigo, quando ocorreu o acidente. Ronald chamou meus pais,

Um Instrumento do Senhor

Paul Enrique Gomez

enquanto Jackie e uma enfermeira da escola me levaram em um dos ônibus, a fim de encontrar uma clínica ou hospital.

Durante esse tempo, pensei no Pai Celestial e sabia que ele não me abandonaria. Deixei de sentir dores e parei de chorar. Estava tão quieto, que minha irmã e o motorista do ônibus pensaram que eu morrera. Jackie ajoelhou-se e ofereceu uma oração ao Pai Celestial, dizendo: "E eu te peço, Senhor, que não tires meu irmão Paul Enrique. Com todo meu amor e fé eu te peço em nome de Jesus Cristo."

Quando ela terminou a oração, eu pedi água e, através da bondade de nosso Pai Celestial e pelo poder da oração, soube que ia viver.

Quando, finalmente, dei entrada no hospital, o médico disse que eu deveria ser operado imediatamente. Descobrimos, então, que eu era o único da família que tinha sangue Rh negativo, um tipo de sangue muito difícil de ser encontrado. Alguns dos irmãos de nosso ramo, juntamente com

meus pais, tentaram em toda parte encontrar meu tipo de sangue para a operação iniciarse. Finalmente, encontraram um suprimento de sangue Rh negativo, mas levaria duas horas e meia até ele chegar por uma ambulância especial, vindo do sul do país.

A presidente da minha Primária veio ver-me pouco tempo depois e descobriu-se que ela era do mesmo tipo de sangue que eu e que estava desajustada de doar.

A operação demorou quatro horas e meia, e o médico ficou alarmado quando descobriu a gravidade das lesões em meu aparelho digestivo, fígado, rim direito e pulmão.

Depois de terminada a operação, recebi uma bênção de meu pai e de nosso presidente do ramo, Irmão Dupont. Mais tarde, enquanto me estava recuperando, fui freqüentemente visitado pelas líderes da minha Primária e por amigos de minha classe de Estrelas.

Mais tarde, minha avó aceitou o evangelho e hoje em dia vinte membros da família são santos dos últimos dias, e sinto-me muito feliz por saber que fui um instrumento do Senhor para ajudar que isto acontecesse.

Amo a todas as pessoas do mundo que fazem alguma coisa pelas crianças, a fim de que sejam felizes como eu sou, com um forte testemunho da veracidade da Igreja.

Quando o pai entrou na casa escura e úmida, naquela noite, Jorge abaixou a borda do acolchoado e espiou por cima dos cabelos encaracolados do pequeno Jimmy. A mãe levantou-se depressa de onde estivera cochilando, perto do fogo, e sussurrou alguma coisa ao pai. Sua resposta murmurada veio em voz baixa e cheia de cansaço. Jorge observou enquanto a mãe ajudava o pai a tirar seu casaco encharcado. Ela o dependurou perto do fogo, e o pai sentou-se numa banquetela, descalçando as botas. A água vertia das fissuras do couro usado e caía ao solo.

A mãe sacudiu a cabeça e procurou ativar o fogo: — Aarão, você não pode trabalhar assim, — insistia. — É demasiado alagadiço e frio. Olhe só para suas botas.

Jorge ouvia apenas parte do que era dito pela mãe. Sabia que ela estava falando baixo para não acordá-lo, ou ao Jimmy e Amanda.

O vento que açoitava as planícies de Iowa, Estados Unidos, dia e noite, fazia com que o garotinho se arrepiasse e se achegasse a seu irmão menor, a fim de aquecer-se. **Todo o barro de Iowa não chegaria para tapar as fendas das paredes de nossa casa**, pensou. Ele e seu pai haviam tentado, jogando lama enregelada contra os tijolos gelados de terra e capim da planície. Mas, ainda assim, o vento encontrava lugares pelos quais entrar, sibilando.

— É a única maneira, Marta, — disse o pai, retomando o fôlego depois de um espasmo de tosse. Então, descalçou silenciosamente suas meias molhadas e friccionou os pés.

Jorge tremia no escuro e pôs o rosto contra as costas de Jimmy, a fim de esconder os olhos. A tosse do pai o assustava, assim como seu rosto pálido e suas olheiras escuras. A tosse do pai estava piorando com o trabalho no poço frio e úmido durante tanto tempo.

Logo cedo, naquele dia, quando Jorge e Amanda haviam levado o almoço do pai num balde de ordenha, ficaram na beirada daquele buraco profundo e sombrio, olhando cuidadosamente para baixo. O pai estava em pé, no fundo, brandindo sua picareta contra o barro pegajoso e atirando pás cheias de lama marrom na rampa mais elevada. A água chegava-lhe à altura dos tornozelos, formando cristais de gelo em suas botas e nas paredes do poço, em volta.

— Apenas mais alguns dias e estará terminado, crianças, — disse o pai, sorrindo, e olhando para eles, lá em cima. — Então teremos dinheiro para comprar um carroção.



O Único

Joyce B. Bailey

O carroção! Papai ia comprar um carroção e um par de ótimos bois, e iriam todos para Sião, onde poderiam ter uma fazenda e viver com os santos que já estavam lá. O Presidente Young havia prometido ao pai que, se ele sacrificasse tudo e fosse para Sião, sua família seria abençoada; assim, as crianças sabiam como era importante ter um carroção.

Jorge e Amanda desceram o balde para seu pai e sentaram-se na borda do poço, cantando hinos e repetindo poesias para entretê-lo. Ele ria-se de sua inocência, e sua risada os tornava felizes, até que o riso provocou uma tosse forte.

Entreolharam-se, sem nada poder fazer, e esperaram até que o pai pôde falar. — Está tudo bem. Somente um pequeno sinal de febre pulmonar. Logo estarei bem.

Mas agora, no silêncio da noite, Jorge orava com



Ilustrado por Albert Michini

Caminho

sinceridade: — Oh, por favor, Pai Celestial, faça com que Papai fique forte novamente, e, por favor, deixe que ele termine o poço. — Fechou, então, os olhos e dormiu.

Na manhã seguinte, Amanda acordou-o com uma sacudidela e colocou o dedo sobre seus lábios, para que fizesse silêncio.

A mãe estendeu-lhe calmamente uma tigela de mingau quente. Largou então sua colher e inclinou-se sobre a pilha de cobertores onde o pai se encontrava tremendo e respirando pesadamente. Amanda vestiu o pequeno Jimmy e lavou seu rosto redondo. Deu-lhe sua tigela e colher, e as três crianças comeram sem fazer ruído.

— A febre de papai está muito alta hoje. Ele não descerá ao poço, — disse a mãe, com a voz tremendo de maneira estranha.

— Mas, mamãe, — sussurrou Amanda, — papai disse que só mais alguns dias e então poderíamos comprar o carroção. O que faremos agora?”

A mãe simplesmente meneou a cabeça. Então, tomando seu pesado casaco de lã, Jorge disse: — Vou sair um pouco.

A mãe pareceu surpresa.

— Precisamos de um pouco mais de lenha, — murmurou ele.

O garoto saiu vagarosamente da casa e aspirou o ar como um coelho cauteloso. O vento soprava constante, carregando algumas mechas brancas de nuvens pelo céu limpo. O sol cortava o frio do ar. Jorge parou um momento, depois enfrentou o vento, andando tão depressa quanto podia em direção à fazenda de Joseph Harker.

— Para onde é que vai? — gritou-lhe Amanda, correndo no seu encalço, com a saia balançando ao vento. Havia enfiado seu casaco e posto um cachecol de lã na cabeça e sobre as orelhas.

— Não é da sua conta, — respondeu Jorge, sem diminuir a marcha.

— É da minha conta, sim, se é que você está indo para o poço!

Jorge deu uma olhadela contundente em sua direção.

— Você vai, não é? Você vai para o poço! — gritou ela. — Mamãe sabe aonde você vai?

Amanda tinha que correr para manter-se junto ao irmão, e o frio contundente tornava seu rosto de um vermelho vivo.

— Se eu dissesse, ela não me deixaria ir, — respondeu Jorge. — E aí o poço não seria terminado e não poderíamos comprar o carroção. — Amanda parou de correr. — Você não pode cavar sozinho aquele poço!

— Claro que posso! — gritou Jorge.

— Não, sem ajuda não pode!

Jorge parou. Ela tinha razão. Embora fosse alto e de pernas compridas para um garoto de doze anos, não tinha altura suficiente para arremessar a terra do fundo para a borda do poço.

— Eu o ajudarei! — disse Amanda, correndo à sua frente.

Jorge mordeu o lábio, olhando com firmeza a figura determinada de sua irmã. Ela era firme e forte para os seus dez anos, isso ele tinha que admitir. Além disso, poderia ficar na borda do poço e puxar os torrões um por um, se necessário, no balde.

— Está bem, — gritou-lhe ele. — Mas volte e consiga um pedaço de corda fina e o balde. Eu vou começar a cavar!

Amanda correu até o irmão, enlaçou-o pelo pescoço: — Eu amo você! — sussurrou. — Vou depressa.

Ele observou enquanto ela parecia voar sobre a grama, empurrada pelo vento forte. Puxou a gola do casaco e enterrou as mãos nos bolsos, sentindo-se entusiasmado com cada passo. Quase podia ver o rosto da mãe quando lhe dissessem que o poço estava terminado. Eles o conseguiriam!

As mãos de Jorge ardiam com o frio, e ele lembrou-se de ter deixado suas luvas sob o colchão, em casa. Mas era muito tarde para mandar Amanda buscá-las, e ele não podia arriscar aparecer por lá para ouvir a mãe dizer que era muito pequeno ou muito jovem para fazer o trabalho do pai.

— Eu tenho que trabalhar no poço, — murmurou com determinação.

Logo Jorge pôde avistar o rude e baixo contorno da fazenda de Harker contra o fundo de um bosque. Começou a correr. A pesada picareta e a larga pá do pai achavam-se encostadas na parede interna do curral do Sr. Harker. Os cabos de madeira estavam frios e lisos ao serem tocados pelas mãos de Jorge. Pegou-as, colocando-as nos ombros. **São tão pesadas! Como conseguirei levá-las acima da cabeça?** pensava.

A resposta veio quase como uma voz em seus ouvidos: “Com minha ajuda.”

Isto deixou-o admirado por alguns instantes. Depois, foi para o poço, aceitando o que tinha de fazer e decidindo pôr toda sua força na tarefa.

Uma corda cheia de nós que estava amarrada a um poste perto do poço permitiu que o garoto descesse facilmente até o fundo. Seus pés tocaram a terra do fundo, e a água fria espirrou por cima do cano de suas botas, fazendo com que ficasse sem fôlego. Agarrou o cabo da picareta que havia atirado ao poço antes de descer e fez uma fervorosa oração pedindo ajuda.

Pouco depois, Amanda debruçou-se na borda do poço. — Eu trouxe o balde e a corda, — disse ela, e atirou-os. Jorge começou a encher o balde com a pá. Amarrou a corda na alça do balde e atirou a outra ponta para sua irmã. Ele tremeu ao ver a força que ela fazia ao peso do barro molhado. O balde subiu um pouco, depois caiu respingando a água do fundo.

— É tão pesado! — o rosto de Amanda franziu-se numa desculpa.



— Eu sabia que você não conseguiria! — gritou Jorge. Estava assim zangado por causa do cansaço e por estar à beira das lágrimas.

Amanda mordeu o lábio. Seus olhos estavam tristes. — Eu posso fazê-lo! Oh, Jorge, eu tenho que fazê-lo!

Jorge sentiu-se envergonhado. Ela estava fazendo um grande esforço, mas o balde continuava batendo nas paredes irregulares do poço. Seu rosto estava vermelho e os olhos injetados. — Amandinha, sinto muito, — desculpou-se ele. Então, vagorosamente acrescentou: — Vamos pedir ao Pai Celestial, ele nos ajudará.

Ela assentiu silenciosamente e ajoelhou-se no chão acima dele. Jorge ficou quieto e inclinou a cabeça. Enquanto pediam ajuda, o vento cessou de sibilar e eles puderam ouvir os passarinhos cantando nas árvores próximas.

Repentinamente, Amanda levantou-se. — Acho que sei o que fazer! — gritou ela.

Jorge esperou sua volta até não poder mais sentir os dedos dos pés e das mãos. Começou novamente a usar a picareta, a fim de manter-se aquecido, a despeito da dor que sentia nas costas e nos braços. Finalmente, ouviu o som de algo arranhando. Houve então um forte baque! Um esguicho de barro e neve bateu-lhe na cabeça e ele viu uma sombra surgir por sobre a janela redonda do poço, no alto. O ramo de uma árvore!

Amanda apareceu, dizendo-lhe: — Achei um galho forte, e usei uma pedra para colocar estacas em cada um dos lados, de modo que ele não role. Atire-me agora a corda novamente.

Jorge obedeceu, e logo, com a ajuda do galho como roldana improvisada, ele mesmo pôde levantar o balde. Amanda agarrava o balde oscilante, quando chegava ao topo do poço e despejava a terra na margem.

— Funciona, — gritou, enquanto Jorge lhe sorria.

Trabalharam sem parar, até que o sol estava bem a pino. As mãos de Jorge tinham bolhas e sentia as pernas dormentes abaixo do joelho. Amanda não emitia som algum, quando a corda escorregava e o árpero sisal cortava a carne de suas mãos.

Ao meio-dia, Jorge subiu pela corda e atirou-se na terra que se descongelava. Amanda sentou-se a seu lado e começou a raspar a lama grossa de suas pernas e botas. De repente, sussurrou: — Jorge, mamãe vem vindo!

Ele não conseguia sentar. Virou-se para o lado e viu a mãe, com o pequenino Jimmy ao seu lado, chegar cada vez mais perto. Só tinha visto a mãe zangada poucas vezes, e isto o fizera sentir-se estranho e triste. Agora sentia medo de que ela ficasse zangada com os dois, e só desejava rastejar de volta ao poço.

A mãe colocou no chão uma trouxa feita com um pano e ficou olhando para Jorge e Amanda.

— Bem, — disse vagorosamente, — vamos ver que tipo de poceiros são vocês.

Jorge procurou levantar-se e a mãe ajoelhou-se, olhando cuidadosamente para dentro do poço. — Ummm. Quase pronto para as pedras, — disse ela, balançando a cabeça. Voltou-se para eles e seus lábios esboçaram um sorriso. — Bom trabalho. Papai disse que vocês dariam duro e vocês o fizeram.

— A senhora quer dizer que sabia que estávamos trabalhando no poço? — Os olhos de Amanda estavam enormes. Os olhos azuis da mãe brilharam.

— Imaginamos isso depois que Jorge não voltou com lenha alguma.

— Vou levar a lenha, — disse ele. — Prometo, mamãe.

— Podemos todos apanhar lenha quando voltarmos para casa esta tarde, — disse a mãe, colocando a mão macia em seu ombro. — Mas agora, Amandinha, abra aquele guardanapo e vamos abençoar nossa carne fria e os biscoitos.

Depois do almoço e antes de começarem a cavar novamente, a mãe explicou: — Seu pai disse que há lençóis de água que fazem com que o barro despenque, se não revestirmos o poço com pedras para manter o barro no lugar; as paredes podem cair e machucar alguém, chegando mesmo a estragar o poço. Teremos que conseguir algumas pedras e colocá-las umas em cima das outras, até que todo o poço esteja revestido.

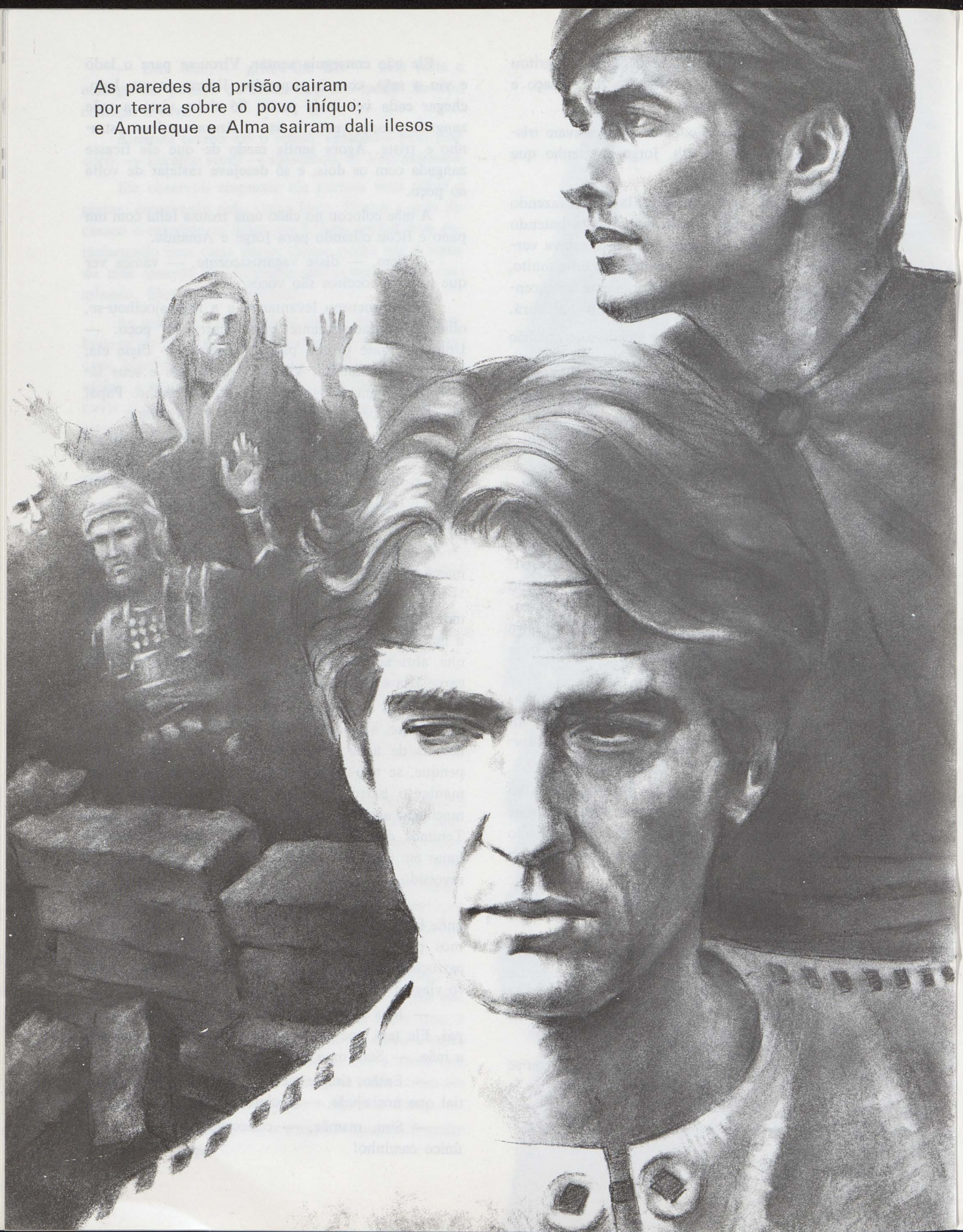
— Mamãe, — disse Jorge animadamente, — sei onde há uma pedreira não muito longe daqui. Podíamos pedir ao Sr. Harker que nos emprestasse seu carroção e traríamos tudo o de que precisamos numa só viagem.

— Mas teremos que fazê-lo sem a ajuda de papai. Ele terá que descansar várias semanas, — disse a mãe. — Será uma tarefa muito pesada.

— Então, simplesmente pediremos ao Pai Celestial que nos ajude, — declarou Amanda.

— Sim, mamãe, — concordou Jorge. — É o único caminho!

As paredes da prisão caíram
por terra sobre o povo iníquo;
e Amuleque e Alma saíram dali ilesos





Amuleque

Mabel Jones Gabbott

Quando Amuleque se dirigia apressadamente para sua bela casa, no lado sul da cidade de Amoniah, um homem, fraco e cansado, fê-lo parar: — Queres dar algo de comer a um humilde servidor de Deus?

Disse Amuleque: — Vem comigo para a minha casa e dar-te-ei do meu alimento. Sou nefita e sei que és o homem a quem um anjo numa visão me mandou que recebesse.

Depois de haver comido, o homem disse: — Eu sou Alma, o sumo sacerdote da igreja de Deus. Durante muitos dias, preguei ao povo de sua cidade e eles riram-se de mim e me expulsaram. Mas um anjo me disse que voltasse pela porta do sul e tentasse novamente.

Alma falou a Amuleque da bondade de Deus. Então Amuleque foi com Alma declarar a palavra de Deus ao povo.

Amuleque era um homem de considerável riqueza e reputação entre o povo de Amoniah. Ao apresentar-se diante deles, prestou seu testemunho de que Alma era um profeta de Deus e de como um anjo lhe havia aparecido em visão, para dizer-lhe que recebesse o profeta.

O povo escutou admirado. Os advogados astutos tentaram armar-lhe ciladas para que contradissesse sua história. Um deles era Zeezrom, que tentou subornar Amuleque com dinheiro, a fim de que ele negasse que existia um Deus ou que ele pudesse enviar profetas para admoestar o povo.

Amuleque disse: — Sabes que existe um Deus, mas amas mais o lucro do que a ele.

Amuleque falou com tal poder e entendimento, que Zeezrom começou a tremer.

Mas, a maior parte do povo, que estava cego para a verdade, era muito iníqua. Eles apoderaram-se de Amuleque e Alma e os amar-

raram com cordas fortes. Zeezrom lhes disse: — Eu sou culpado, mas estes homens são imaculados. — O povo de Amoniah cuspiu nele e o expulsou da cidade.

As pessoas eram tão iníquas, que trouxeram todos os registros que continham escrituras sagradas e fizeram uma grande fogueira, queimando-os. Fizeram, então, com que toda pessoa que acreditasse na palavra de Deus fosse atirada ao fogo e queimada. Trouxeram Amuleque e Alma para o local da fogueira, para que vissem o martírio.

Quando a fogueira se apagou, o juiz supremo do país pôs-se diante de Amuleque e Alma e feriu-os no rosto, dizendo: — Pregareis outra vez? Que dizeis por vós mesmos?

Amuleque e Alma não disseram nada. Mesmo quando foram atirados na prisão, não disseram nada. Durante muitos dias, foram negados alimento e água aos prisioneiros, tendo-lhes apertado as cordas que os prendiam.

Finalmente, Amuleque e Alma clamaram ao Senhor: — Dai-nos forças, ó Senhor, de acordo com a nossa fé em Cristo, para que sejamos libertados.

Com estas palavras, as cordas arrebentaram-se; e a terra tremeu muito, e as paredes da prisão partiram-se, caindo por terra, cobrindo as pessoas iníquas; e Amuleque e Alma saíram ilesos dos escombros.

Ao deixarem Amoniah, foram informados de que Zeezrom estava muito doente e desejava vê-los. Encontraram Zeezrom arrependido e acreditando em Cristo. Amuleque e Alma clamaram a Deus, pedindo-lhe que curasse Zeezrom de acordo com sua fé em Cristo. E Zeezrom levantou-se de seu leito de enfermo, bem e são, e foi batizado por Alma.

Amuleque foi com Alma para a terra de Zarahemla e fortaleceu-se no serviço do Senhor.



Amigo Pedregoso

Karen Sharp

Você precisará de seixos lisos, redondos e ovais. Bons lugares para encontrá-los são a praia, o leito de rios ou montes de cascalho. Escolha duas pedras ovais pequenas, mais ou menos do mesmo tamanho para serem os pés, uma pedra oval maior para ser o corpo e uma pedra menor, redonda, para ser a cabeça.

1. Junte alguns seixos bem lisos, redondos e ovais. Bons lugares para encontrá-los são a praia, o leito de rios ou montes de cascalho. Escolha duas pedras ovais pequenas, mais ou menos do mesmo tamanho para serem os pés, uma pedra oval maior para ser o corpo e uma pedra menor, redonda, para ser a cabeça.

Limpe as pedras com água e uma escova-de-dentes velha. Enxugue com um pano.

2. Grude as pedras que serão os pés pelo calcanhar. Com a cabeça e o corpo deitados, grude a cabeça na parte da frente do corpo, de modo a deixar os ombros levemente arqueados (veja a ilustração).

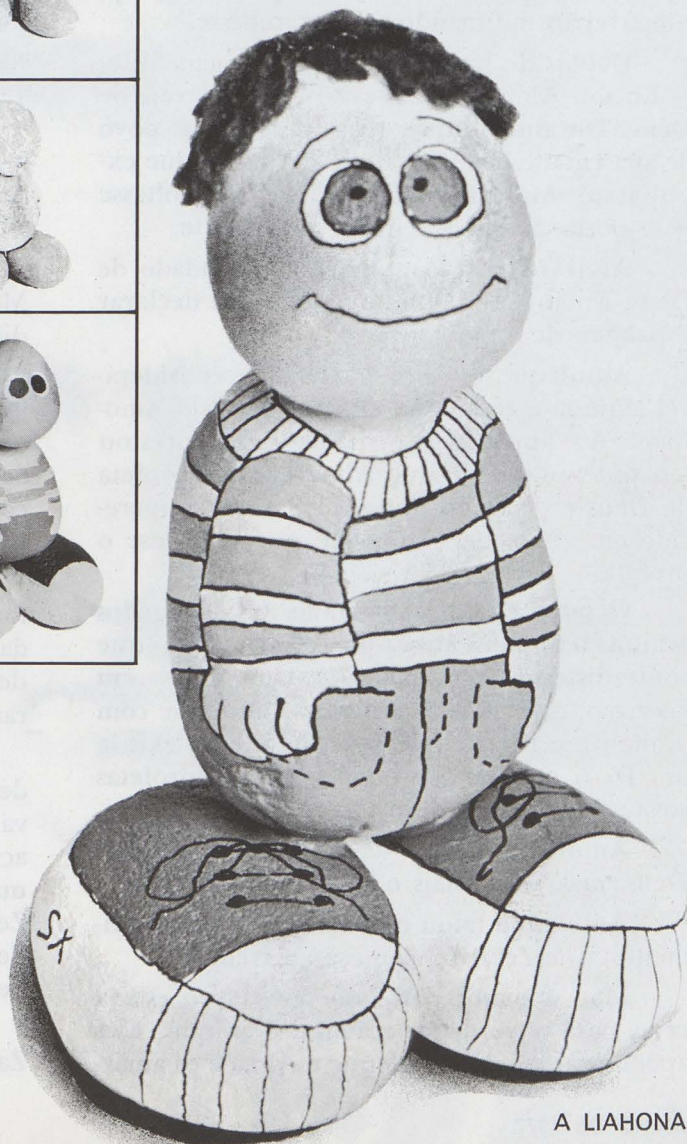
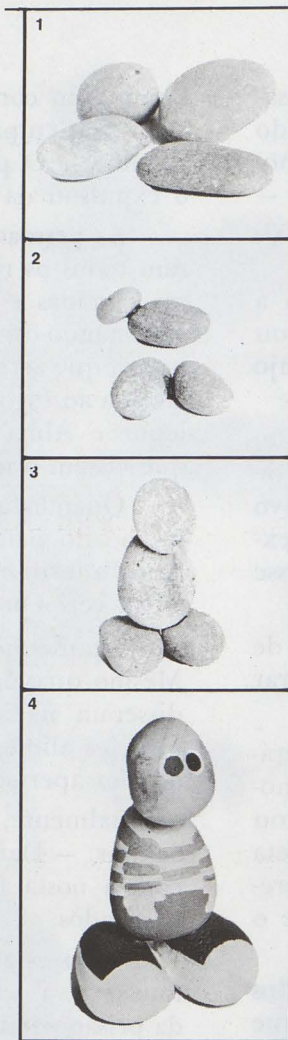
3. Depois que os pés e a cabeça secaram, grude o corpo aos pés e apóie-o contra uma parede reta, ou amarre para manter no lugar até que seque.

4. Quando a cola estiver completamente seca, pinte primeiramente os tons cor de carne e deixe secar. Pinte depois as roupas, sapatos etc. (Veja as ilustrações para obter idéias.)

5. Delineie todas as cores com uma caneta preta e pinte traços pretos para fazer o sorriso, as sobrancelhas, os braços e pernas.

Corte a lã do tamanho desejado para os cabelos e cole na cabeça.

Quando o amigo pedregoso estiver completamente seco, pinte a sola de cada sapato de preto ou corte solas pretas de feltro, colando-as.



DIÁRIO MÓRMON

A Voz Falou em Espanhol

Por Louis Espinosa

Embora escrevesse um diário antes de me filiar à Igreja, uma experiência muito especial que tive em 1968, convenceu-me de vez do poder que tem um diário como meio de se preservarem experiências sagradas, para o ensino e motivação de minha família.

Havia-me batizado na Igreja seis anos antes, no Chile, e então, mudara-me para Utah, onde conheci Cleria, jovem maravilhosa que se tornou minha esposa. Em 1968, eu era um estudante, e nosso filho Luís tinha apenas três anos de idade.

De certa forma, éramos uma família muito confusa — confusa a respeito de nossos objetivos, a respeito de como resolver nossos problemas. Tínhamos jejuado e orado, e eu estava pensando em nossos problemas, certa manhã, enquanto me barbeava, quando me descobri em anseio por orientação do Espírito. Suponho que minha mente estava em perfeita sintonia, naquele momento, pois ouvi uma voz falando-me em espanhol. E disse-me exatamente o que deveria fazer a respeito de nossas dificuldades, além de esclarecer-me sobre vários princípios do evangelho que necessitávamos compreender e aplicar, a fim de fazer com que as soluções funcionassem em nossas vidas.

Juntamente com a instrução, veio o claro sentimento de que deveria compartilhar esta nova luz com minha mulher. Saí do banheiro, meu rosto ainda cheio de espuma, e exclamei: “Tenho algo a lhe dizer que não pode esperar nem mais um minuto!” Estou certo de que parte da bênção daquela manhã foi o fato de poder explicar a ela muito claramente aqueles princípios que ainda não entendêramos, princípios que envolviam nossa família e o conselho que acabáramos de receber na Igreja, a respeito das noite familiares. Isso foi um grande impacto em nossa vida, e também inspiração bem naquela hora, não somente a respeito dos assuntos da família, mas também como lembrete de que nosso Pai Celestial nos está olhando e escutando nossas orações.

Ao ler esse relato em meu diário agora, tenho quase o mesmo sentimento que ocorreu ao acontecer tudo. O elder Hugh B. Brown disse:

“Algumas vezes, durante os momentos de solidão, escuto a verdade ser falada com clareza e vividez; sem tonalidades e intraduzida, ela fala de dentro de mim mesmo em linguagem original e não pronunciada, ouvida apenas por mim mesmo, e compreendo que a trouxe comigo, nunca ma ensi-

naram, e nem a posso, de forma eficaz, ensinar a outrem.” (Eternal Quest, Bookcraft, 1956, p. 435.)

Assim também foi essa minha experiência. É como se a voz da verdade estivesse falando comigo; senti-me bem com ela; senti-me à vontade. Era verdade, e tenho essa certeza cada vez que leio o relato por mim escrito.

O fato de tal inspiração ter vindo em minha língua nativa, o espanhol, embora eu fale inglês, foi em si mesmo, uma inspiração também. É óbvio que o Espírito domina todas as línguas.

Talvez pelo fato de a resposta à oração ter vindo tão poderosa e claramente, pareceu-me muito sagrada para que eu me ativesse exclusivamente às palavras, e os meses se passaram sem que eu registrasse o fato no diário que, na época, mantinha.

Aí então, lembrei-me de outra experiência espiritual que havia tido alguns anos antes, pouco antes de meu batismo. Não havia ainda registrado o fato em meu diário, e, agora, não me podia lembrar dos suficientes detalhes da história para recontá-la. Quis contar o ocorrido a meu filho, e por causa de não tê-lo escrito, não pude.

Decidi, pois, não deixar que isso acontecesse com minha recente experiência espiritual, a respeito de minha oração. E, ao escrever a história em meu diário, compreendi que, embora soubesse fazê-lo, alguns detalhes fugiram-me da memória — apenas alguns meses depois, já era difícil lembrar-me de muitas coisas. Imaginem se eu me tivesse demorado ainda mais! Mas agora minha família possui um registro do amor do Senhor para conosco. Lemo-lo várias vezes juntos, e membros de minha família têm-no consultado para sua própria orientação.

Meu filho de onze anos de idade faz seu próprio diário já há cinco anos — um bom começo para se ter uma vida de memórias sempre ao alcance da mão, onde seu próprio passado poderá ser uma força para o presente e um guia para o futuro.



SE VOCÊ ESTÁ TENDO PROBLEMAS PARA COMEÇAR...

Anita Miller

Estaca de Oklahoma

Fui criada com idéias bem liberais a respeito do evangelho. Não havia o sacerdócio em nosso lar, e embora eu estudasse o evangelho da melhor maneira que pude, quando surgiram as verdadeiras provações, não parecia poder viver à altura dos padrões do evangelho.

Meu marido não era membro da Igreja, e durante muito tempo o evangelho não foi parte de nossa vida. Havia tensão e desentendimentos, sempre que procurávamos falar sobre a Igreja, e assim, simplesmente não o fazíamos.

Não desejava que houvesse esses sentimentos de incompreensão em nossa família; dessa forma, há cinco anos decidi fazer alguma coisa a respeito da situação. Naquela época, meu marido foi enviado para o Vietnã. Nosso filho estava com quatro anos, e decidi que era época de ele ir à Primária. Começamos gradualmente a freqüentar a Escola Dominical e reunião sacramental. Não nos sentíamos muito à vontade ali. Não conhecíamos muita gente, e ninguém parecia estar particularmente interessado em nós, com exceção de uma família. Eles nos convidaram a ir à sua casa, assistir à reunião familiar e jantar. Com o passar do tempo, depois deste primeiro contato, compreendi que faltava alguma coisa e que eu a queria, em nosso lar.

Quando encontrei meu marido, durante uma licença, disse-lhe o

quanto a Igreja significava para mim, como cria nela de todo coração, e como eu nunca lhe exigiria que fosse à Igreja, se ele primeiramente fizesse uma tentativa.

Quando ele voltou do Vietnã, fomos transferidos para o Estado de Kentucky, onde começamos a freqüentar a Igreja. Meu marido, Rich, era o antagonista amigável na classe — fazendo todas as perguntas que muitos dos professores prefeririam que fossem feitas em algum outro lugar, ou pelo menos em outra ocasião. Eu continuava orando no sentido de que nossa próxima transferência viesse para um local onde nos encontrássemos rodeados de santos dos últimos dias. Queria tanto que Rich vivesse entre mórmons! Orei muito por isso.

Bem, quando chegaram nossas ordens, estas nos levaram a Stillwater, Oklahoma. Chorei durante três dias. Não achava que houvesse quaisquer mórmons em Oklahoma. Mas o Senhor faz as coisas a seu próprio modo. Em Oklahoma, freqüentamos novamente a aula de investigadores e os mestres familiares começaram a visitar-nos.

A verdadeira oportunidade surgiu numa noite muito fria de janeiro, em 1970. Decidi que 1970 seria o meu ano para a Igreja — deixaria de ser uma mórmon pela metade, queria sê-lo completamente. Assim, na primeira segunda-feira à noite (isto foi quando a Sociedade de Socorro se realizava às segundas-feiras), preparei-me para enfrentar o frio intenso. Rich disse: "Por favor, não vá." Ao que respondi: "Tenho que ir. Se não o fizer agora, nunca o farei."

Quando cheguei, senti-me muito embaraçada, pois era a única. Entretanto, não demorou muito até que chegassem mais três — a presidência. Finalmente, tínhamos um total de sete irmãs. Elas fizeram com que me sentisse realmente bem-vinda. Realizaram uma reunião de testemunho, e todas, exceto eu, prestaram testemunho. Não ficou nem um olho sem lágrimas na sala. Não podia esperar até chegar em casa e dizer a meu marido como me sentia com relação à Igreja.

Aquela experiência manteve-me na Sociedade de Socorro. Não faltei a nem uma única reunião durante aproximadamente seis meses. Finalmente, depois de terem-se partilhado testemunhos ao término de uma aula, certa irmã disse: "Se vocês têm dificuldades para ler o Livro de Mórmon, comecem pela leitura de Terceiro Néfi."

Pensei: **É claro que estou tendo problemas! Não consigo nem começar!**

Naquela noite, fui para casa e abri em Terceiro Néfi, lendo o livro inteiro. Na época, tanto meu marido como eu éramos estudantes e, depois de ter acabado a leitura, levei-o para a outra sala, onde ele estava estudando.

Estendi-lhe o livro e disse: "Leia isto e diga-me se não é a coisa mais linda que já leu."

Ele olhou-me como se fosse dizer: "Você deve estar brincando — a esta hora da noite?"

Mas ele o leu. Quem não seria tocado pelo capítulo 11:

"E então aconteceu que, ao entenderem, elevaram outra vez seus olhares ao céu; e eis que viram um homem que descia, vestido com uma túnica branca, o qual desceu e se colocou no meio deles. E para ele volveram-se todos os olhares e ninguém se atreveu a abrir a boca, nem sequer um para o outro. E não sabiam o que aquilo significava, pois supunham que se tratasse de um anjo que a eles tivesse aparecido.

"E aconteceu que ele estendeu sua mão e assim falou ao povo:

"Eis que sou Jesus Cristo, cuja vinda ao mundo foi anunciada pelos profetas." (Versículos 8-10).

Este livro foi o ponto crítico. Ele prosseguiu até terminar o Livro de Mórmon — ambos o fizemos. Lemos outros livros da Igreja, oramos e começamos a fazer reuniões familiares. Dentro de seis meses, foi batizado. Um ano mais tarde ele batizou nosso filho — um sonho que antes eu achara impossível para mim. Nesse ano (1972), fomos selados no templo, como uma família.

Nunca poderei expressar plenamente como me sinto com relação a essas escrituras que nos iniciaram no caminho da felicidade.

Fazemos o que é certo por várias razões. Algumas pessoas fazem o bem, simplesmente por não quererem ser punidas por fazer o mal. Quando fazemos o que é certo por medo da retribuição, creio que nosso alicerce é muito inseguro. Outros podem dizer: "Quero fazer o que é correto, porque sempre fui ensinado que é isto que devemos fazer." Bem, esse raciocínio é baseado no ouvir dizer, no testemunho de outros, e acho

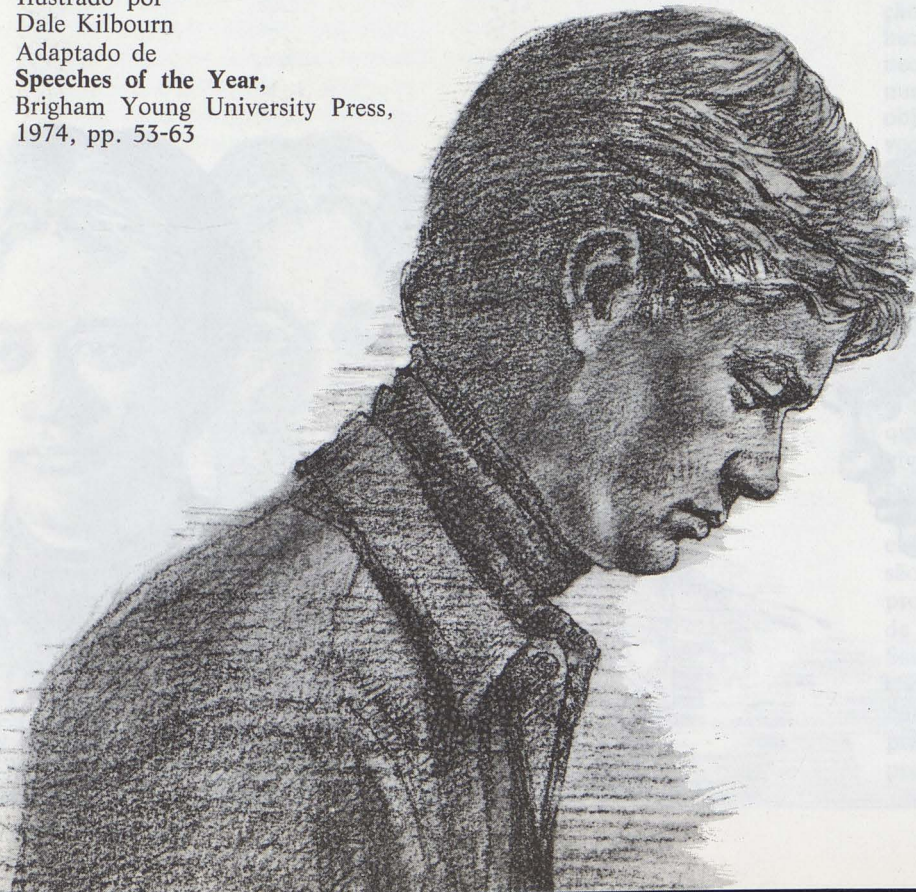
que devemos amadurecer para além desse ponto. Creio que devemos ter nosso próprio testemunho, em vez de depender continuamente do conselho dos outros. Temos ouvido outras pessoas dizerem: "Quero fazer o certo, simplesmente para agradar a meus pais," e embora todos nós devamos ter desejo de agradar a nossos pais, essa razão por si só não é suficiente para apoiar-nos durante toda a eternidade. Talvez

vocês já ouviram pessoas que tenham indicado que estão fazendo o bem simplesmente porque querem ser obedientes aos mandamentos de Deus; este, também, é um propósito muito elevado e nobre — desde que, é claro, essa obediência não seja uma obediência cega, sem convicção pessoal. Mas, para mim, a melhor de todas as razões, é a ilustrada pela pessoa que sente o desejo de fazer o que é certo, porque deseja dar mais

Confiai Ao Senhor a Vossa Carga

Elder Robert L. Simpson
do Primeiro Quorum dos Setenta

Ilustrado por
Dale Kilbourn
Adaptado de
Speeches of the Year,
Brigham Young University Press,
1974, pp. 53-63



glória ao seu Pai nos céus. Seja qual for o estágio de motivação em que nos encontremos, creio que precisamos eventualmente reforçá-lo com nosso próprio testemunho pessoal que foi edificado sobre um fundamento de estudo e compreensão do Evangelho — um testemunho que nos leva à vida de desprendimento e serviço, que encontra sua santificação maior no pensamento supremo de que vivemos os princípios do Evangelho, porque desejamos glorificar seu grande nome.

“Porque eis que esta é minha obra e minha glória: proporcionar a imortalidade e a vida eterna ao homem.” (Moisés 1:39.) Esta escritura resume em uma sentença o todo e a substância, assim como o propósito da criação. Quando eu era jovem, sempre imaginei que seria impossível que Deus participasse ainda no grande processo de progresso eterno. Afinal, ele era perfeito. Possuía todo o conhecimento. Havia realmente sobrepujado todas as coisas. Mas, ao compreender esta escritura, sei agora que ele é capaz de glorificação e exaltação adicionais. Na realidade,

ele é engrandecido através do sucesso de seus filhos. Seu fracasso, ou o meu, diminui as possibilidades dele. Nosso sucesso em empreendimentos retos acrescenta glória ao seu nome. Não deveria isto ser a motivação perfeita? É perfeita por não ter interesses egoísticos.

A necessidade do arrependimento

Foi-nos ensinado, a vocês e a mim, durante toda nossa vida, que o propósito deste período mortal é o de sobrepujar — sobrepujar os atributos que não seriam compatíveis com a sua presença. Meu pensamento tem freqüentemente sido o de que cada um de nós será capaz de fazer o próprio julgamento. Desejamos procurar a nossa própria categoria, para vivermos no estilo de vida com o qual nos acostumamos durante o nosso crescimento. Você não gostaria de sentir-se em casa, na presença do Pai e da Mãe que geraram o seu espírito? Em minha opinião, ser obrigado a ir para qualquer outro lugar, seria o maior desapontamento de todos os

tempos. O plano é claro. Deus, o Pai, a quem você e eu procuramos, está no alto, e nossa tarefa mais urgente aqui é sobrepujar todo pensamento e ato que possam impedir-nos de chegar novamente a sua santa presença. Sem o grande princípio do arrependimento, duvido que qualquer de nós tivesse uma oportunidade de alcançar exaltação ou vida eterna.

Quando o plano de salvação foi formulado, quando se decidiu que haveria oposição em todas as coisas e, quando foi decidido adicionalmente que o livre arbítrio estaria à disposição de todos os homens, Deus sabia, ali e então, que haveria necessidade de um procedimento pelo qual se pudessem fazer correções, pelo qual as cargas do pecado, maus hábitos e escolhas errôneas pudessem ser ressarcidos. Ele chamou a isso de arrependimento e associou-o a uma peça acompanhante, denominada perdão. O orgulho, a arrogância e o egoísmo são todos instrumentos do adversário e os principais obstáculos ao arrependimento.

Todos os grandes conceitos têm equações simples, algo como a



teoria da relatividade, de Einstein, que é declarada simplesmente $E = mc^2$. A fórmula simples do arrependimento é encontrada em Doutrina e Convênios: "Por este meio podereis saber se um homem se arrepende de seus pecados — eis que ele os confessará e os abandonará." (DeC 58:43) "Confessar e abandonar" ambos tão difíceis de conseguir-se no clima negativo do orgulho, arrogância, egoísmo e medo; ambos tão possíveis dentro da moldura da fé, humildade, amor e coragem.

O processo do arrependimento

Acho que vocês descobrirão que a grande maioria dos problemas levados a um bispo são tratados confidencial, silenciosa e discretamente, pelo bispo sozinho. Com muita frequência, ele não considerará necessário convocar um tribunal do bispo.

O perdão provavelmente se seguiria a um período de provação, dependendo, é claro, da gravidade do problema. É provável também que o bispo solicite uma verifica-

ção periódica para certificar-se de que tudo se está processando conforme o combinado. Então, eventualmente, o membro encontra nova segurança em sua recém-descoberta liberdade, em sua capacidade de deixar aquele problema para trás. Outra carga foi aliviada; outra barreira para a exaltação removida. Nova paz de espírito pode agora substituir um coração aflito, e aquele antigo sentimento de hipocrisia é removido, dando lugar a uma consciência limpa.

Quando uma transgressão séria exige a atenção de um tribunal, posso prometer-lhes, queridos amigos, que o procedimento é bondoso e gentil. O sistema de tribunais da Igreja é justo. Como já se declarou em muitas ocasiões, esses são tribunais de amor, com o objetivo único de ajudar os membros da Igreja a voltarem para um caminho apropriado. Não existe, no reino de nosso Pai Celestial, um plano para rebaixar seus filhos. Tudo tem o propósito de ajudar o nosso progresso, não o de impedi-lo. Gostaria de poder apresentá-los às muitas pessoas que conheço pessoalmente e que foram excomun-

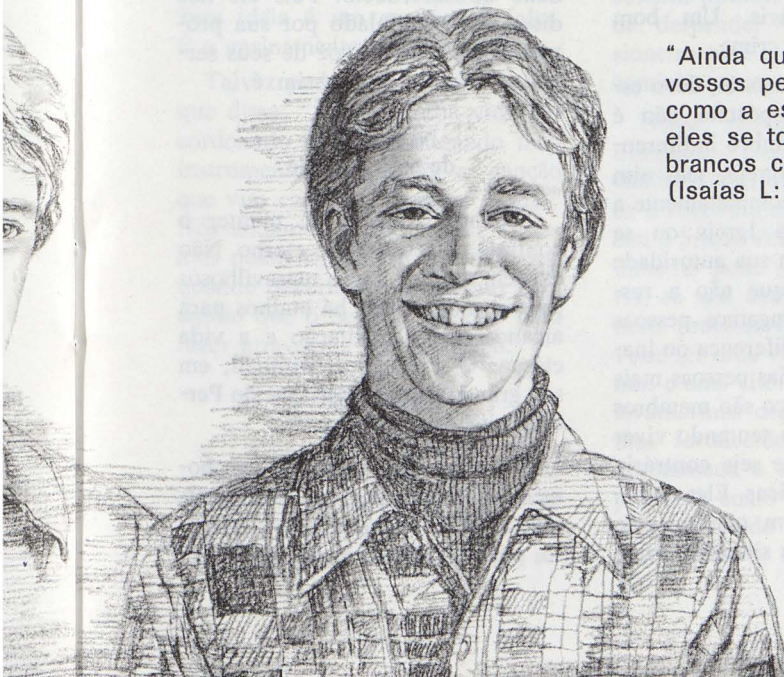
gadas desta Igreja, mas que voltaram através das águas do batismo, encontrando seu caminho e recebendo a restauração de todas as suas bênçãos. Elas estão agora baseadas em um solo mais firme do que jamais estiveram durante a maior parte de sua vida. Sem o corretivo apropriado do sacerdócio, duvido que pudessem chegar à posição de renovada confiança em que se encontram hoje.

O sistema de tribunais da Igreja

Relativamente poucos membros da Igreja compreendem realmente o seu sistema de tribunais, e é por isso que escolhi compartilhar com vocês alguns desses pensamentos, para que possam sentir confiança no modo do Senhor.

Há, no coração de muitos, um medo injustificado com referência aos tribunais da Igreja, e é exatamente assim que o adversário quer que seja. Todas as vezes que ele puder evitar que alguém faça as coisas certas, obtém uma vitória. Vence para a sua causa. Infelizmente, muitos na Igreja encaram um tribunal do bispo e o do sumo conselho como tribunais de retaliação. Este não é o caso; esses tribunais fornecem um procedimento necessário sem o qual muitos nunca realmente alcançarão os objetivos sublimes e eternos que vocês e eu temos em mente.

Observemos rapidamente o tribunal do bispo. Se a entrevista inicial, confidencial com o bispo, revelar uma irregularidade séria, ele poderá decidir a convocação de um tribunal do bispo. O tribunal consiste nos três membros do bispado da ala. Eles podem examinar o assunto quanto à excomunhão de qualquer membro da Igreja que viva na ala, exceto os membros que possuem o Sacerdócio de Melquisedeque. O tribunal do bispo, entretanto, pode tomar uma decisão de desassociação ou estágio probatório para qualquer membro da ala, inclusive os portadores do Sacerdócio de Melquisedeque. O tribunal do sumo conselho, por outro lado, está sob a direção do presidente da estaca e consiste da presidência da estaca e membros



"Ainda que os vossos pecados sejam como a escarlata, eles se tornarão brancos com a neve (Isaías L:18)"

do sumo conselho. Este tribunal tem autoridade para realizar interrogatório de qualquer membro da Igreja que resida na estaca, e tem jurisdição tanto sobre os portadores do Sacerdócio Aarônico como os de Melquisedeque, e pode impor a excomunhão, quando for apropriado.

Todos os tribunais da Igreja normalmente se reúnem em uma atitude de jejum e oração. A completa justiça e harmonia com a palavra revelada do Senhor torna-se o principal objetivo do tribunal da Igreja. Um julgamento muito severo ou condescendente frequentemente frustra os propósitos do Senhor. Nenhum caso deve ser julgado. Só depois de ouvir os fatos e julgar o espírito do indivíduo é que a justiça adequada pode ser administrada. Um interrogatório justo e decisão final do tribunal, ratificada pelos dons do Espírito, serão sempre no interesse do membro que está sendo julgado.

Já foi verdadeiramente declarado que muito mais importante do que o erro é aquilo que está no coração daquele que procura o arrependimento. É algo realmente triste, quando alguém que cometeu pecado grave procura evitar o confronto com a autoridade de sua ala ou estaca. Tais pessoas raramente estão arrependidas daquilo que fizeram. Estão apenas aborrecidas por terem sido descobertas. Nas palavras do Presidente Kimball: "Bem-aventurados são aqueles que se humilham sem ser compelidos."

Nem mesmo a excomunhão da Igreja deve pôr fim a todas as esperanças. Embora o erro tenha sido grave e uma violação séria dos mandamentos de Deus, uma pessoa que ame realmente ao Senhor e tenha o desejo e a força de submeter-se à autoridade do sacerdócio, pode reestruturar sua vida e, no processo devido, qualificar-se para as sublimes e finais bênçãos da eternidade, incluindo a exaltação. Mesmo aquele que comete ofensa grave será bem-vindo de volta ao

Senhor: "Ainda que os vossos pecados sejam como a escarlata, eles se tornarão brancos como a neve." (Isa. 1:18) — Que grande promessa, que grande redenção! Mas isto não pode acontecer sem um arrependimento completo, e este envolve a fórmula sobre a qual falamos antes: que nos confessemos, que abandonemos.

Causas de excomunhão

Há, nesta Igreja, muito poucas razões para excomunhão. Posso pensar em apenas umas três. Deixem-me enumerá-las: Primeiro, os membros da Igreja podem tornar-se candidatos à excomunhão, caso se envolvam em graves iniquidades. Segundo, os membros da Igreja podem-se tornar candidatos à excomunhão, quando se envolvem ou defendem o casamento plural. Não existe lugar para esta doutrina na Igreja atualmente. Terceiro, os membros da Igreja tornam-se candidatos à excomunhão, quando apostatam dos ensinamentos da Igreja.

O que é que chamamos de grave iniquidade? Em minha opinião, grave iniquidade envolve transgressões sérias como assassinato, adultério, perversão sexual ou quaisquer ofensas graves contra a sociedade, que resultem em condenação pelos tribunais civis. Um bom exemplo seria o de crime.

No campo da apostasia, devo esclarecer que um apóstata não é alguém que seja membro indiferente ou inativo da Igreja, mas sim alguém que negue completamente a natureza divina da Igreja ou se mostre antagônico a sua autoridade no sacerdócio ou que não a respeite. Não excomungamos pessoas desta Igreja por indiferença ou inatividade. Algumas das pessoas mais infelizes que conheço são membros da Igreja que estão tentando viver com um hábito que seja contrário às suas crenças básicas. Eles amam ao Senhor e sentem que o estão traindo. Esta é uma situação insus-

tentável. Deixado sem resolver, o conflito faz com que a racionalização se estabeleça. Satanás nos acalma com um falso senso de segurança. Mentimos a nós mesmos, ao tentar justificar-nos em vez de mudar, e assim o adversário nos leva calmamente para uma vida de infelicidade e pesar.

Lembro-me de um prisioneiro com quem falei certa ocasião. Ele estava profundamente embaraçado por estar preso. Falei-lhe a respeito de arrependimento; e, não sabendo por que ele estava ali, perguntei-lhe: "Meu bom irmão, você está aqui por roubo?"

"Oh, não! Minha mãe ensinou-me a não roubar. Eu não roubaria nada de ninguém. Estou aqui por falsificação." Bem, a racionalização pode fazer certas coisas engraçadas às pessoas.

Falamos sobre grandes conceitos e fórmulas simples como solução. Tiago tinha isto a dizer àqueles que precisavam de ajuda: "Sujeitai-vos pois a Deus, resisti ao diabo, e ele fugirá de vós." (Tiago 4:7.) Eu creio nisto. Já vi isto acontecer. O bispo é o seu advogado perante Deus por ordenação; assim, ao decidir submeter-se a Deus, vocês precisam submeter-se à sua autoridade do sacerdócio. Pois ele nos disse que seja falado por sua própria boca, ou pela voz de seus servos, é o mesmo. E assim é.

Necessidade de autocontrole

Tenham coragem de manter o controle de seu destino eterno. Não existem atalhos, meus maravilhosos jovens amigos, não há atalhos para alcançarmos a exaltação e a vida eterna. O Presidente Kimball, em seu grande livro, **O Milagre do Perdão**, cita o seguinte:

"A altura do sucesso de um homem é medida por seu autodomínio; a profundidade de seu fracasso, por seu auto-abandono. Não há

outro limite em qualquer das direções. E esta lei é a expressão da justiça eterna. Aquele que não pode estabelecer um domínio sobre si mesmo, não terá domínio algum sobre os outros. Aquele que se controla, será um rei." (Autor desconhecido.)

Já lhes ocorreu o pensamento de que Deus depende de vocês, como membros desta Igreja, para eventualmente vir a encarregar-se, vir a ter domínio? É melhor que creiam nisso. Não deve o autodomínio vir em primeiro lugar? Não pode ser de nenhuma outra forma. Não podemos ter domínio, principado e poderes, a menos que consigamos controle sobre nós mesmos e tenhamos domínio sobre nossos próprios sentimentos e impulsos. Por que esperar? A procrastinação convida à racionalização. Foi Mark Twain quem gracejou: "Sei que posso deixar de fumar. Ora, já deixei umas mil vezes." E não nos encontramos dizendo: "Ora, posso deixar de fazê-lo assim que quiser. Quando chegar a hora, poderei parar"? E depois, existem os que vislumbram uma cortina mágica lá no tempo e espaço, e quando nós a atravessarmos, simples e automaticamente nos livraremos de todos os hábitos ruins e todas as coisas de que não nos orgulhamos. Esta idéia é um engano. É falsa. É o ensinamento do adversário.

Talvez pudéssemos citar Tagore, que disse: "Passei minha vida encordoando e desencordoando meu instrumento, enquanto a canção que vim cantar permanece muda." Nós andamos em círculos e gastamos nosso tempo em trivialidades, quando deveríamos prosseguir com aquilo que o Senhor nos deu para fazer através de preordenação.

Fortalecer os outros

Bem, falando novamente de abnegação, gostaria de observar que tão importantes e tão imediatamente satisfatórias quanto se-

jam essas correções pessoais na vida, uma das possibilidades mais interessantes e satisfatórias está à frente, à medida que, tendo sobrepujado, podemos estender a mão para trás com força redobrada, a fim de ajudar outros a sobrepujar também. Esta é realmente a essência do evangelho de Jesus Cristo, pois foi o Salvador quem disse: "Amarás o teu próximo" (Mat 5:43); "Apascenta as minhas ovelhas" (João 21:16); "Quando o fizestes a um destes meus pequeninos irmãos, a mim o fizestes" (Mat. 25:40).

Lucas relata esta conversa do Salvador, falando a Pedro: "Simão, Simão, eis que Satanás vos pediu para vos cirandar como trigo; mas eu roguei por ti, para que a tua fé não desfaleça; e tu, quando te converteres, confirma teus irmãos." (Lucas 22:31-32.) Quando tu te converteres, confirma teus irmãos. Fazer isso pode trazer a mais satisfatória alegria para a alma que conheço aqui na mortalidade. Quando eu era diretor administrativo do programa dos Serviços Sociais da Igreja, vi milhares e milhares de voluntários estendendo a mão para ajudar os alcoólatras, auxiliar o viciado em drogas, tomar providências para que uma mãe solteira pudesse reconstruir sua vida, despendar tempo com um prisioneiro para que pudesse voltar ao caminho apropriado.

Nossa responsabilidade não é diferente; "Quando te converteres, confirma teus irmãos" tanto se aplica a vocês e a mim, quanto se aplicou a Simão Pedro. Nosso arrependimento pode ser uma dupla vitória, se nos dedicarmos ao Senhor neste processo de ajudar os outros. Pode ser uma vitória para nós mesmos e uma vitória para aqueles que levantarmos depois de nos havermos fortalecido. Novamente aqui acentuamos o ato positivo e despreendido como o cumprimento supremo de tudo o que estamos tentando fazer.

Obter exaltação

Jovens, o Senhor os ama, e o Pai Celestial não deu um único princípio que os condene. Mesmo a excomunhão é temporária e só pode fazer com que as possibilidades futuras sejam mais brilhantes. Sua obra e sua glória é exaltar. Mais uma nota de encorajamento, principalmente para aqueles que são estudantes: Deus não pretende dar notas baixas. Ele gostaria de que todos nós conseguíssemos nota "Dez", "Excelente", e tomou providências para que todos possam fazê-lo — mas temos que nos qualificar para consegui-lo. Não se tornem aliados de Satanás e seu plano de infelicidade e destruição. Não o façam. Aprendam a tirar vantagens dos processos de purificação do Senhor. Façam com que seus corações se sintonizem com ele. Que fiquem em sintonia, para que possam receber esta bênção: Que a doutrina do sacerdócio se destile sobre sua alma como o orvalho do céu.

Que o Espírito Santo seja o seu companheiro constante, para que o seu cetro seja um cetro imutável de retidão e verdade; e que seu domínio seja um domínio eterno sem medidas compulsórias que fluam a vocês para todo o sempre. (Ver DeC 121:45-46.)

Esta Igreja é tudo isso. Quero prestar-lhes meu solene testemunho de que sei que Deus vive, que sei que Jesus Cristo é seu Filho, e que sei que os oficiais ordenados da Igreja são bons homens, servos de nosso Pai Celestial que dão de si mesmos abnegadamente para o trabalho, de modo que vocês e eu possamos receber a orientação apropriada, para que vocês e eu possamos lançar nossa carga sobre o Senhor, e para que vocês e eu nos possamos qualificar para o grande destino eterno que envolve um homem, uma mulher, uma unidade familiar guiada pela autoridade do sacerdócio.



Amar é
Compreender e Ajudar

Theo E. McKean

Certa madrugada estávamos sentados com o médico de nossa família, em vigília constante, ao lado de nosso filhinho que jazia silencioso, lutando por respirar. As horas arrastaram-se, mas foram recompensadoras. Não somente a assistência profissional desse grande homem ajudou a salvar a vida preciosa de uma criança, como também, através dele, viemos a reconhecer o tipo de compreensão humana que faz com que o indivíduo ofereça sua vida em serviço desprendido aos outros.

Foi minha mulher quem quebrou o silêncio, perguntando: — Diga-nos, doutor, por que nunca nos enviou conta alguma relativa à ajuda que tem prestado a nossa família?

Era evidente, pela pausa contemplativa, que seus pensamentos estavam retornando a dias antigos. Então, à medida que seu rosto era entristecido por uma sombria ternura, ele contou a seguinte história:

“Antes de eu nascer, meus pais emigraram da Alemanha para os Estados Unidos. A vida era desafiadora e eles tinham que trabalhar muito para sustentar seus pequenos, à medida que nascíamos.

“Durante uma epidemia de difteria, minha irmãzinha e eu ficamos muito doentes. O médico que veio atender-nos disse a meus pais que tinha medicamentos suficientes apenas para um, e que deveriam tomar a decisão.

“Por algum motivo, eu recebi os medicamentos e vivi. Alguns dias depois, minha irmãzinha faleceu.

“Lembro-me ainda de meu pai, colocando-a em um pequenino caixão de madeira. Os vizinhos podiam apenas vir e olhar pela janela, por estarmos sob quarentena e todos estarem terrivelmente assustados com o contágio.

“Eu era tão pequenino, que papai teve que levantar-me para que eu olhasse o rústico caixão e visse o rosto de minha companheira de folgedos de infância pela última vez nesta existência mortal. E então papai saiu, subiu ao banco do carroção, colocou ternamente o caixão no colo, e se foi sozinho, para o cemitério próximo.

“Anos mais tarde, depois de completar meu primeiro mês de prática da medicina, minha assistente preparou contas para todos os meus pacientes. Quando me sentei e as vi sobre a escrivaninha, voltou-me aquela lembrança da infância. Lembrei-me também de como meus pais haviam pago, mais tarde, a conta do médico, com batatas e outros produtos. Perguntei a mim mesmo, como havia feito muitas vezes antes: “Por que foi preservada a minha vida, em vez da dela?” Com essa pergunta ainda nos lábios, joguei o maço de contas na cesta de lixo e disse à minha assistente que manteríamos registros bem organizados nos livros, e se as pessoas quisessem pagar-me, poderiam fazê-lo; mas não seguiríamos o costume comum de enviar contas aos pacientes.”

Quando o médico terminou, fez-se silêncio, enquanto ponderávamos. Como era agradável estar na presença de alguém que realmente tivera sucesso em pôr o serviço à frente de si próprio!

O Salvador estava disposto não somente a dar sua vida por seus amigos, mas também a dar-se em serviço a eles enquanto vivia. Naquela noite, estivemos sentados com alguém que servia como o Mestre.

Fomos curados fisicamente. Espiritualmente, fomos amados, compreendidos, ensinados, encorajados e alimentados por esse maravilhoso mestre e amigo.

Os Alunos Precisam Ser Entendidos

Assim como um médico precisa entender as necessidades do paciente, bem como a capacidade do remédio, assim também o professor deve entender o aluno, bem como o evangelho. (Vide gráfico: “Relacionamento Ensino/Aprendizado,” publicado no primeiro artigo desta série. Abril de 1977, p. 28).

Nossos alunos podem-nos dizer: “Não nos importa o quanto você sabe, até que saibamos o quanto você se importa.” Um professor que se importa com seus alunos é um mestre que deseja honestamente ajudar; e sabe que não pode fazê-lo, a menos que tenha amor e compreensão sinceros e genuínos por todo aluno, não importando quais possam ser as necessidades dele.

Características do Amor

O relacionamento de um professor com os alunos na sala de aula, no lar, ou onde quer que seja, deve caracterizar-se por sentimentos e abordagens como aqueles identificados pelo Senhor na seguinte escritura:

“Nenhum poder ou influência pode ou deve ser mantido por virtude do sacerdócio, a não ser que seja com persuasão, com longanimidade, com mansuetude e ternura, e com amor não fingido;

“Com benignidade e conhecimento puro, que grandemente ampliarão a alma, sem hipocrisia e sem dolo.

“Reprovando às vezes com firmeza, quando movido pelo Espírito Santo; e depois, mostrando um amor maior por aquele que repreendeste, para que não te julgue seu inimigo;

“Para que ele saiba que a tua fidelidade é mais forte do que os laços da morte.” (Doutrina e Convênios 121:41-44.)

Comparar nossos próprios sentimentos e abordagens com o conselho dado acima, ajuda-nos a determinar a qualidade de nosso amor àqueles a quem ensinamos.

O Poder do Amor

O Presidente Joseph F. Smith fez uma declaração poderosa relativa a esta qualidade valiosa:

“Vocês observarão que a influência que tem mais força sobre uma criança para persuadi-la a aprender, progredir, ou para realizar alguma coisa, é a influência do amor. Muito mais poderá ser realizado para o bem na educação de uma criança através de um amor não fingido (ver DeC 121:41), do que por qualquer outra influência a que ela possa ser submetida. Uma criança que não pode ser conquistada pela chibata ou persuadida pela violência, pode ser controlada num instante com afeição e simpatia. Sei que isso é verdade, e esse princípio prevalece em cada condição da vida.” (Doutrina do Evangelho, p. 267; também Curso para os Quoruns do Sacerdócio de Melquisedeque 1972-73, vol. 2, p. 35).

Na mesma conferência, Henry Peterson, um membro da Junta Geral da Escola Dominical, acrescentou o seguinte:

“O Presidente Smith, em suas palavras, falou sobre uma grande qualificação que todo professor

deve possuir, isto é, o espírito de amor aos alunos. Um professor que tenha tal qualificativo, provavelmente adquirirá todos os outros necessários para a realização bem sucedida de seu trabalho. O amor inspira-lhe o desejo de beneficiar aqueles que são postos sob os seus cuidados. Ele estuda suas necessidades e prepara-se para fornecer a sua classe o alimento espiritual necessário.

“Um professor repleto de amor a seus alunos, aprende a amar o evangelho como um meio pelo qual pode levá-los ao tipo certo de vida espiritual, conduzindo-os para mais perto do Mestre. Ele aprecia examinar as escrituras e leva os outros a ter o mesmo prazer. Ele transmite para a classe um vigor que é sentido por todos os presentes, inspirando-os a vir com regularidade.

“Um professor que ame a seus alunos procurará o Senhor, buscando ajuda, para que possa ser-lhes útil. . .

“Se o coração de todos aqueles que são chamados a servir estivesse cheio de amor, não seria necessário que outros planejassem por eles. Esse sentimento os incitaria a fazer todas as preparações internas, e o Espírito de Deus os usaria como instrumentos e os guiaria a métodos naturais e sadios de trabalho. Em vez de abarrotar o intelecto dos alunos mecanicamente com fatos religiosos e históricos desconexos, eles lhes forneceriam o pão diário da vida espiritual.” (Conference Report, outubro de 1902, p. 94.)



“Vocês observarão que a influência que tem mais força sobre uma criança para persuadi-la a aprender, progredir, ou para realizar alguma coisa, é a influência do amor. Muito mais poderá ser realizado para o bem na educação de uma criança através de um amor não fingido (ver DeC 121:41), do que por qualquer outra influência a que ela possa ser submetida. Uma criança que não pode ser conquistada pela chibata ou persuadida pela violência pode ser controlada num instante com afeição e simpatia.”

Joseph F. Smith

Compreender a Si Próprio

Como um professor empreende a tarefa de desenvolver amor e compreensão? Em seu livro **“Teach Ye Diligently”** (Ensinai Diligentemente), o Élder Boyd K. Packer diz: “Se você deseja aprender a respeito de alunos, aprenda tanto quanto puder a respeito de si mesmo.” (página 85.)

Desenvolver o Amor

No Livro de Mórmon, Enos descreve como chegou a uma condição de grande entendimento e amor a todo o gênero humano.

Considere os seguintes acontecimentos:

Primeiro, Enos desenvolveu um profundo desejo em seu próprio coração. Diz ele: “Minha alma ficou faminta.” (Enos v. 4.) Esta fome profunda levou-o a ajoelhar-se em profunda preocupação com sua própria alma.

“Ajoelhando-me ante o Criador, dirigi-lhe uma fervorosa oração, suplicando-lhe por minha própria alma; orei o dia inteiro e, até depois de ter anoitecido, continuei a elevar a minha voz, para que ela chegasse ao céu.” (v. 4.)

O Senhor respondeu à oração de Enos, disse-lhe que seus pecados estavam perdoados e acrescentou: “Vai, tua fé te salvou.” (v. 8.)

Ora, a atitude e os sentimentos de Enos para com os outros tornaram-se proeminentes. Disse ele: “E tendo eu ouvido estas palavras, comecei a desejar o bem-estar de meus irmãos, os nefitas; portanto, **implorei a Deus com toda a minha alma, por eles.**” (v. 9; *itálicos acrescentados.*)

O Senhor respondeu novamente, e o amor e cuidado de Enos aumentaram ainda mais.

“E depois de ter eu, Enos, ouvido estas palavras, minha fé no Senhor começou a ser inabalável; **roguei a ele com muito empenho por meus irmãos, os lamanitas.**” (v. 11; *ênfase acrescentada.*)

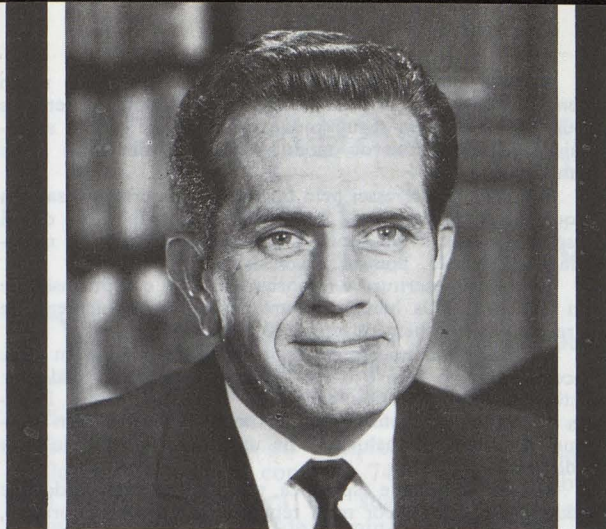
Este desenvolvimento espiritual foi tão genuíno e consistente em Enos, que seu amor e preocupação se estendem até mesmo àqueles que eram então, seus inimigos. Ele conclui:

“Depois de ter eu orado e trabalhado com toda a diligência, o Senhor me disse: Por causa de tua fé, conceder-te-ei de acordo com os teus desejos.” (v. 12.)

Que exemplo poderoso a ser seguido por nós!

Começemos por nós mesmos, trabalhando diligentemente até que **nós** estejamos salvos. Roguemos ‘ao Pai com toda a energia de nossos corações, para que possamos ser cheios com esse amor.’ (Morôni 7:48.) Então **nós** experimentaremos um profundo e crescente amor e compreensão por nossos alunos, que também estão com fome de justiça.

Finalmente, se continuarmos, **nós** desenvolveremos solidariedade e amor não fingido a nossos alunos que se tenham tornado rebeldes e difíceis de serem alcançados. Na realidade, esses alunos também precisam de nossa compreensão, nosso amor e nossa ajuda. (Ver Mateus 25:35, 36.) O Salvador nos lembra de que: “Quando o fizestes a um destes meus pequeninos irmãos, a mim o fizestes.” (Mateus 25:40.) Disse também: “O meu mandamento é este: Que vos ameis uns aos outros, assim como eu vos amei.” (João 15:12.)



Entender os Alunos

Do livro
TEACH YE DILIGENTLY
(ENSINAI DILIGENTEMENTE),
Do Elder Boyd K. Packer

(Copyright 1975, Deseret Book. Usado com permissão.)

Em muitas igrejas do mundo, é ensinada uma doutrina que diz que os homens são, basicamente, maus; que são mundanos, carnis e maldosos, concebidos em pecado e possuídos de uma tendência para a iniquidade. Esta doutrina sustenta que a natureza corrupta e malévola do homem precisa ser conquistada. Ela oferece a tênue esperança de que, por uma concessão de graça, o homem pode, ocasionalmente, ser elevado de seu estado mau, carnal e torpe. Em termos simples, ela ensina que o homem é, por sua própria natureza, inclinado a ser mau.

Isto é doutrina falsa. Eu não a poderia aceitar como verdadeira e ainda ser um professor bem sucedido. A doutrina não é somente falsa; é também extremamente destrutiva. Caso fosse aceita, a designação de um professor para disciplinar sua classe, ou a dos pais para educar seus filhos seria realmente sem esperança, inútil.

Bom, Não Mau

Como é glorioso ter a palavra revelada de Deus, para sabermos que temos com ele um parentesco de filho para pai. Se somos de sua família, herdamos a tendência de ser bons, não maus. Somos filhos e filhas de Deus.

É essencial que o professor entenda que as pessoas são, basicamente boas. É essencial saber que sua tendência é fazer aquilo que é certo. Um pensamento assim exaltado é produtor de fé. Isto é toda a diferença quando nos pomos diante de nossos próprios filhos, ou diante de nossa classe de jovens, para ensiná-los.

Estou plenamente cômico de que há, no mundo, indivíduos cuja motivação parece ser contrária, destruidora e má. Sei que isto existe, mas é contra sua natureza. Se for nosso dever ensinar, devemos-nos lembrar sempre de que estamos lidando com filhos e filhas de Deus e que cada um deles, sendo gerados por ele, tem a possibilidade de tornar-se como Deus é...

Tenho conhecimento daqueles versículos das escrituras que falam sobre o estado decaído do homem. Sei que alguns deles descrevem a depravação do homem. Entretanto, quan-

do consideramos as revelações como um todo, essa idéia é contrabalançada e obscurecida pela mensagem constante de que a palavra **pai**, nas escrituras, significa realmente **pai**.

Decidi, anos atrás que, se ia ser um professor, a bondade do homem deveria ser fundamental à minha filosofia de vida. No dia em que tomei essa decisão, as coisas começaram rapidamente a mudar. Daí por diante, sempre houve esperança. Não importa o quão rebeldes, difíceis ou rudes parecessem os outros, eu sabia que em alguma parte de seu íntimo havia uma centelha de divindade à qual podíamos apelar.

Esse amor e respeito básicos são essenciais àqueles que desejam ensinar. São imprescindíveis aos pais, quando encaram seus filhos. São essenciais ao professor, quando observa sua classe. Embora seja difícil, às vezes, manter esta crença, ela é, não obstante, verdadeira. Uma qualidade fundamental da boa disciplina é a habilidade de amar aqueles a quem vamos ensinar, mantendo o desejo de servir...

Confiarei em Todos

Alguns anos atrás, em certa ocasião, entreguei-me a um pouco de introspecção e descobri que havia razões pelas quais não gostava muito de mim mesmo. Sobressaindo-se entre elas, estava o fato de que suspeitava de todos. Quando conhecia alguém, meu raciocínio logo ponderava: "Quais são os meus motivos? O que é que vai tentar fazer?" Este raciocínio surgia por ter eu sido usado por alguém em quem confiava. Dentro de mim, cresciam o cinismo e o ran-cor. Determinei que mudaria e tomei a decisão de que confiaria em todos. Desde aí, tenho tentado seguir essa regra. Se alguém não for digno de confiança, é responsabilidade dele demonstrá-lo — não minha a de descobri-lo.

Primeira Qualidade — Categoria "A"

Os alunos, inclusive nossos próprios filhos, satisfarão nossas melhores expectativas. Quando eu era professor, sempre fazia um certo discurso no primeiro dia de aula. Fui também a cada novo grupo de missionários que chegava ao campo. Também tentei sempre transmitir aos outros à minha volta a mesma mensagem. É uma mensagem de confiança. O discurso é mais ou menos assim:

Imagino que vocês sejam amadurecidos. Encaro-os como sendo de idade suficiente para aprender e o bastante sensíveis para desejar fazê-lo. Pode ser que eu não saiba agora quem vocês realmente são, ou o que têm sido, ou mesmo o que têm feito. Grande parte disso, dependendo de vocês, não importa. Tomo a vocês exatamente como são e classifico-os: «Primeira qualidade — Categoria A». Vocês podem provar-se menos do que isso, mas terão que esforçar-se para consegui-lo. Relutarei bastante em acreditar. Se há, em vocês próprios, algo de que não gostem, agora é a ocasião de mudar. Se houve alguma coisa em seu passado que os diminua, espiritualmente ou sob qualquer outro aspecto, agora chegou a ocasião de elevar-se acima dela.

Descobri que, com raríssimas exceções, a reação tem sido a de quererem as pessoas elevar-se acima de si mesmas. Isto tem um efeito estabilizador. Ajuda, de modo imensurável, na disciplina e cria um ambiente onde se pode ensinar.

Ao iniciar uma nova relação com qualquer pessoa — alunos, missionários ou aqueles com quem me associo ou a quem supervisiono — dou-lhe toda a confiança e crédito. Desde que o faço, tenho sido muito mais feliz. É claro que tem havido vezes em que me desaponto, e algumas poucas ocasiões em que tiraram muita vantagem de mim, mas não me importo com isso. Quem sou eu para que não se aproveitem de mim ou me usem? Por que deveria estar acima disso? Se este é o preço de estender confiança a todos, tenho prazer em pagá-lo.

Cheguei a ter muito menos medo dessa possibilidade do que tinha antes. As vezes é doloroso, quando somos usados ou nossa confiança ou crédito não são respeitados. Entretanto, esse tipo de dor não é insuportável; não é uma agonia, é apenas dor. A única agonia que conheço é quando, inadvertidamente, eu usei alguém. Isso é tortura; isso **evitarei**... (Capítulo 12, "We Are Children of God," pp. 72-78.)

Quando ensinamos valores morais e espirituais, devemos compreender que as crianças têm um senso bem desenvolvido do que é certo e errado. Podemos apelar para esse senso. Existem muitas coisas que elas sabem simplesmente por

sabê-las. É importante que os professores, inclusive os pais, estudem aqueles a quem ensinam. Os jovens têm diretrizes bem definidas em mente, quanto ao que é justo e ao que não o é. Às vezes, elas tornam-se até exageradas.

Precisamos entender aqueles a quem ensinamos. Devemos lembrar de que eles vieram de um estado preexistente, e, embora muitas coisas não sejam lembradas, ainda podem conservar considerável amadurecimento espiritual.

A seguinte afirmação do Presidente J. Reuben Clark Jr. é importante para os professores:

“Nossos jovens não são espiritualmente crianças; eles estão bem adiantados em relação à maturidade espiritual normal do mundo. Digo mais uma vez que não existe um jovem que atravesse sua porta que não tenha sido um beneficiário consciente de bênçãos espirituais, ou que não tenha visto a eficácia da oração, ou que não tenha testemunhado o poder da fé para curar os doentes, ou que não tenha visto manifestações espirituais as quais o mundo em geral desconhece completamente. Vocês não precisam mover-se sorrateiramente por trás dessa juventude espiritualmente experimentada e sussurrar a religião em seus ouvidos; podem falar-lhes diretamente, cara a cara. Vocês não precisam disfarçar as verdades religiosas com um manto de coisas mundanas; podem trazer-lhes essas verdades abertamente, em sua indumentária natural. Os jovens podem provar não ter mais medo delas do que vocês têm. Não há necessidade de abordagens graduais, de histórias da Carochinha, de afagos, condescendência ou quaisquer dos outros recursos infantis usados no empenho de alcançar-se aqueles que são espiritualmente inexperientes e quase mortos espiritualmente.” (“The Charted Course of the Church in Education.”)

As Crianças Já Sabem

Freqüentemente não damos crédito ao amadurecimento espiritual das crianças, particularmente das pequeninas. Há certas coisas que elas sabem. Não precisam ser ensinadas; elas simplesmente sabem-nas, para começar.

Permitam que lhes dê um exemplo. Enquanto nossos filhos cresciam, morávamos, propositadamente, em uma região rural para podermos ter alguns animais e pássaros à nossa volta, por várias razões importantes. Uma delas é a de que temos tarefas, responsabilidades regulares, que não podem ser deixadas para depois, precisando ser feitas pelo menos diariamente. Através disso, nossos jovens aprenderam a trabalhar e ser dignos de confiança.

Certa feita, uma galinha havia escondido um ninho sob uma manjedoura, no celeiro. O ninho foi descoberto por nossa filhinha. Quando os ovos foram chocados, os pintinhos começaram a saltar das cascas. Ela queria vê-los e segurá-los, mas confrontou-se com uma galinha muito zangada que protegia seus filhotes. Quando cheguei em casa, à noite, ela veio correndo em minha direção e excitadamente, falou-me sobre sua descoberta, rogando-me que a deixasse segurar alguns pintinhos. Não foi fácil fazer com que a galinha cooperasse, mas finalmente lá estava eu com um punhado de pintinhos na mão. Havia alguns pretos, brancos, listrados e pintados e, quando as crianças se reuniram em volta, admirando-os com expressões infantis, deixei que minha garotinha segurasse um deles.

— Ele dará um bom cão de guarda quando crescer, não é? — perguntei. Ela franziu seu narizinho e olhou-me inquisitivamente. É óbvio que ela não acreditava no que eu dissera, assim, rapidamente eu corrigi a mim mesmo: — Não vai transformar-se em cachorro, vai? Quando ela sacudiu a cabeça, eu disse: — Transformar-se-á em um belo cavalo, não é? Ela olhou-me como se eu não soubesse muita coisa. Ela sabia, e imaginava por que eu parecia não saber que um pintinho nunca se transformaria em cachorro, cavalo, elefante ou mesmo peru, ao crescer, mas seria uma galinha ou galo; ele seguiria o padrão dos seus ancestrais.

Como é que ela, uma menininha de quatro anos, sabia disso? Nunca lho havíamos ensinado. Ela o sabia como as crianças sabem muitas coisas. As crianças sabem e compreendem muitas lições que são básicas e sagradas na vida, sem serem ensinadas.

É fácil, pois, explicar que, quando alcançarmos nosso pleno desenvolvimento nas eternidades vindouras, seremos deuses. Nós também seguiremos os padrões de nossos ancestrais. Deus nos criou de modo a que nos dirijamos a ele como Pai!

Sempre me interessei pelo fato de que as crianças saibam o que são os sonhos. Seria impossível mostrar-lhes, e é difícil descrever o que é um sonho. Mas, realmente, não há necessidade de fazê-lo, pois as crianças parecem saber.

Uma outra escritura é importante para a compreensão de um professor: “Os homens foram ensinados suficientemente para distinguir o bem do mal.” (2 Néfi 2:5.)

Os pais e professores precisam saber que um jovem pode discernir entre o bem e o mal. Este conhecimento pode ser distorcido, pervertido ou encoberto por experiências infelizes da vida, mas, intuitivamente, como parte do dom espiritual de toda a humanidade, há um conhecimento do bem e do mal.

Isto me dá grande esperança, pois assim compreendo que todo filho de Deus, por mais réprobo que se tenha tornado, por mais degenerado que pareça ser, tem escondida em seu íntimo a centelha de divindade e percepção quanto ao que é errado, em contraposição com aquilo que é certo...

Conhecer a Si Mesmo

Se você quiser conhecer os alunos, aprenda tanto quanto puder a respeito de si mesmo. Ao começar a obter uma percepção profunda de suas próprias reações, sentimentos e suscetibilidade, virá a saber muito a respeito de seus alunos. Existe uma expressão que diz: “Penetre no seu próprio íntimo e pergunte ao seu coração o que é que ele sabe.” Se fizermos esta interrogação, viremos a saber muito a respeito de nossos alunos. Poderemos vir a sabê-lo conhecendo a nós mesmos.

Uma das declarações mais significativas dos discursos do Presidente Brigham Young foi a respeito desse assunto:

“A maior lição que podeis aprender é a de conhecerdes a vós mesmos. Quando conhecemos a nós mesmos, conhecemos nosso próximo. Quando sabemos precisamente como lidar conosco mesmos, sabemos como lidar com nosso próximo. Tendes vindo aqui para aprender isso. Não o podeis aprender imediatamente, nem toda a filosofia da época vos pode ensiná-lo; tendes que vir aqui para obterdes uma experiência prática e para saberdes por vós mesmos. Então começareis a aprender mais perfeitamente as coisas de Deus. Nenhum ser pode conhecer-se completamente a si mesmo, sem compreender mais ou menos as coisas de Deus; nem pode qualquer ser aprender e compreender as coisas de Deus sem conhecer a si mesmo; ele precisa conhecer a si mesmo, ou nunca poderá conhecer a Deus.” (*Discourses of Brigham Young*, selecionados e organizados por John A. Widtsoe, Deseret Book Company, 1946 ed., p. 269.)

Conhecer os Seus Alunos

Professor, num dia determinado, faça sua classe trabalhar no preenchimento de formulários ou ler ou escrever uma composição sobre algum assunto e então fique em pé, na frente da classe, e estude cada um dos alunos intensamente durante alguns momentos. O bom professor já estudou a lição. O professor extraordinário também estuda seus alunos; ele os estuda seria e intensamente.

Bem, podem ocorrer duas coisas. Primeiro, se você olhar para seus alunos e imaginar por que pensam, agem e sentem como o fazem, poderá aprender muitas, muitas coisas, e estará melhor equipado para ajudá-los. Segundo: ao estudar cuidadosamente suas características e expressões, bem poderá crescer em seu coração um calor de solidariedade cristã que vem muito raramente, mesmo a um professor dedicado. O sentimento é semelhante à inspiração, um sentimento de amor. Esse amor o incitará a encontrar o meio de fazer bem o trabalho do Senhor: apascentar suas ovelhas. (Capítulo 13, “On Teachers ‘Learning’ Students,” pp. 80-86.)

Ezéquias Pagam Tributo ao Élder Alvin R. Dyer



Os funerais do Élder Alvin R. Dyer do Primeiro Quorum dos Setenta, foram realizados no dia 9 de março, no Assembly Hall, na Praça do Templo.

Élder Dyer, que contava 74 anos de idade, falecera em sua própria casa, na manhã de domingo, 6 de março último.

O presidente N. Eldon Tanner, primeiro conselheiro na Primeira Presidência, oficiou os serviços fúnebres, e teceu as primeiras considerações apresentando à família as condolências e os respeitos do presidente Spencer W. Kimball e do segundo conselheiro Marion G. Romney, ausentes, por estarem viajando pela América do Sul.

Falaram na ocasião o presidente Ezra Taft Benson, e o Élder Thomas S. Monson, do Conselho dos Doze, e o presidente Marion D. Hanks, da Presidência do Primeiro Quorum dos Setenta.

A oração pela família, antes do serviço, foi oferecida pelo Élder Franklin D. Richards, também da presidência do Primeiro Quorum dos Setenta. A oração fúnebre foi proferida por Harold Boyer, que havia servido como primeiro conselheiro do Élder Dyer no bispado da Ala Monument Park em Salt Lake City e a oração de encerramento foi oferecida por Harold N. Wilkinson, que era o mestre familiar do Élder Dyer. Lavar Dowding dedicou a sepultura no Wasatch Lawn Memorial Park.

O presidente Tanner disse que Élder Dyer era muito comprometido com a obra do Senhor, e nada havia que fosse tão difícil que ele não tentasse.

“Ele recebeu a incumbência de levantar fundos para a obra missionária. Antes e durante sua doença, foi bem sucedido, conseguindo angariar grandes somas de doadores generosos e de boa vontade. Agora ele partiu para sua grande recompensa”, foram as palavras do presidente Tanner.

O presidente Tanner leu um parágrafo de uma resolução da 42.^a Legislatura do Estado de Utah, o qual tecia elogios aos Élder Dyer.

O presidente Benson também prestou tributo pelos serviços, dedicação, lealdade e realizações do Élder Dyer. Falou particularmente dele como um líder da juventude, um grande missionário, um edificador do Reino do Senhor, e um grande pai de família.

Nas palavras do presidente Benson: “O presidente Harold B. Lee falava dele como um dos ‘grandes bispos da Igreja’. Sua atitude com relação à juventude é resumida em seu próprio pronunciamento: ‘Os jovens são importantes, e não apenas pesos mortos. Quando você dá atenção aos jovens, eles tornam-se interessados; e quando se tornam interessados, são maravilhosos.’”

O presidente Benson disse também que o Élder Dyer foi um grande missionário, e um grande motivador que estabeleceu o padrão do trabalho missionário bem sucedido em seu livro “The Challenge” (Deseret Book Co., Salt Lake City, 1962), o qual é, geralmente, considerado como um dos melhores livros para a motivação de missionários.

Afirmou que o principal interesse do Élder Dyer era o de edificar o Reino do Senhor.

“Como última e mais importante de suas realizações, eu mencionaria que o Élder Dyer foi um grande pai de família”, disse o presidente Benson. “Durante os últimos dias de sua enfermidade, ele freqüentemente prestava seu testemunho à sua família. Repetidas vezes declarou que o evangelho é verdadeiro. O que mais o fará lembrado por eles, será sua vida honrada, seu amor à família e a fé no Senhor e em sua divina obra, na qual esta Igreja está agora envolvida.”

O Élder Thomas S. Monson referiu-se ao Élder Dyer como um grande missionário, e disse que centenas e milhares de pessoas são hoje membros da Igreja, em parte através de sua influência missionária.

“Agrada-me a idéia de que Alvin Dyer esteja hoje pregando o evangelho com um companheiro sênior, o presidente David O. McKay. Eles eram tão amigos; ambos amaram o trabalho missionário de todo seu coração”, disse o Élder Monson.

Em seus comentários, o Élder Hanks afirmou que o Élder Dyer trabalhava por qualquer coisa que pudesse trazer benefícios, estudava, esforçava-se e servia, e literalmente, ampliava a si mesmo, para atingir capacidades e oportunidades cada vez maiores.

Disse que durante a doença de Élder Dyer, “sua mente e fé permaneceram aguçadas e claras. A enfermidade física trouxe suas provações, mas ele as enfrentou com equanimidade e força. Há apenas uma explicação para isso: ‘Todo aquele que confiar em Deus terá apoio em suas provações, em seus problemas, e em suas aflições, e será elevado no último dia.’”

O Élder Hanks disse que o Élder Dyer havia “acabado sua carreira” de forma bem sucedida, não como uma corrida de cem metros rasos, mas numa raia com muitos obstáculos e barreiras, uma raia longa que exigia demais.

“Élder Dyer usou o que a vida lhe trouxe, e, onde outros apenas ficariam satisfeitos, e outros ainda reclamariam da sorte, ele multiplicou seus talentos cada vez mais, aprendendo, expandindo, melhorando, plantando boas sementes durante muitos bons anos, observando-as crescerem e multiplicarem-se.”

Élder Dyer sofreu uma trombose e um derrame em abril de 1972,

e foi operado no mesmo mês. Deu entrada no hospital para exames de alterações circulatórias no dia 21 de abril daquele mesmo ano.

Após recuperar-se, voltou a trabalhar em seu escritório no edifício de administração da Igreja, localizado no n.º 47 da East South Temple Street, e, posteriormente transferiu-se para o novo edifício dos escritórios da Igreja.

Foi nomeado diretor gerente do Departamento Histórico da Igreja em janeiro de 1972, e foi desligado e desobrigado dessas funções em maio de 1975.

Escreveu vários livros relacionados com história, sendo os mais notáveis "The Refiner's Fire", e "This Age of Confusion".

Foi ordenado apóstolo em outubro de 1967, e serviu na Primeira Presidência de 6 de abril de 1968, até a morte do Presidente David O. McKay, em 18 de janeiro de 1970. Nessa ocasião, voltou a seu lugar entre os Assistentes dos Doze, cargo para o qual fora apoiado em outubro de 1958.

Enquanto servia como presidente da Missão dos Estados Centrais dos Estados Unidos, o Élder Dyer foi chamado para ser o Primeiro Assistente do Superintendente Geral da Associação de Melhoramentos Mútuos Rapazes. Seis meses depois, tornava-se um dos Assistentes dos Doze. Presidiu a Missão Européia que, na época, tinha sede em Frankfurt, Alemanha Ocidental, de 1960 a 1962.

Era engenheiro, especializado no campo de ar condicionado, tendo montado sua própria firma, da qual se desfez em 1955.

Membro de uma família de 13 irmãos, o Élder Dyer nasceu em 11 de janeiro de 1903, em Salt Lake City, filho de Alfred Robert e Harriet Walsh Dyer. Casou-se com May Elizabeth Jacson, no templo de Lago Salgado. Do casamento nasceram dois filhos, Gloria May Klein e Brent Rulon Dyer. O Élder Dyer tinha sete netos.

O Élder Dyer assumiu muitos cargos dentro da Igreja, desde o ano de 1924, quando voltou de sua

missão nos estados do leste. Serviu como conselheiro de bispo, bispo, em dois sumos conselhos de estaca, e presidiu Escolas Dominicais de ala e estaca.

Seus muitos anos dedicados ao serviço missionário, levaram à publicação de livros nesse campo, incluindo-se "The Challenge", "The meaning of Truth", e "The Lord Speaketh". Outras de suas obras incluem: "The fallacy", e mais recentemente "Who Am I?" Os últimos relacionam-se com o significado da vida e o destino do homem.

Foi um homem voltado ao desenvolvimento físico durante toda sua vida. Jogou beisebol no colégio, basquetebol nas competições da Igreja, e durante algum tempo boliche nos maiores clubes e associações. Era também um grande jogador de handebol. Certa vez, após sua primeira missão, teve uma oportunidade de jogar beisebol profissionalmente, mas recusou o convite por causa de suas responsabilidades para com a Igreja.

Firmes, Machai!

ELES
PARTEM
MENINOS
E
VOLTAM
HOMENS

Ainda outro dia mesmo eles estavam aqui, disputando com garra uma bola na quadra de esportes, ajudando a decorar salões de baile, cantando em coros de jovens e, (por que não dizer?) colocando uma ruguinha de preocupação na testa dos pais e dos bispos.

Hoje um ano e pouco depois de terem saído em missão de tempo integral, ei-los transformados de meninos em homens, de conduzidos a condutores, de liderados em líderes.

Onivaldo Covo acaba de ser designado para presidente do Ramo de Passo Fundo, ao mesmo tempo que Atílio Perini Perovano está presidindo o Ramo de Erechim e Elias Nelson Munhoz Dias o Ramo de Carazinho.

Este é o grande milagre que a missão opera: faz dos meninos inseguros que ingressam no campo, homens fortes e decididos que muito ajudarão as suas unidades ao voltarem.



Élderes Perovano, Covo e Dias

PERFIL DE UM LÍDER

PRESIDENTE ADEMAR LEAL

Estaca São Paulo Sul Brasil

por Maria Antonia Brown

Ademar Leal, de 38 anos, é mais um jovem presidente de estaca, também muito empenhado em cumprir seu dever, servindo o Senhor com lealdade e amor e, porque não dizer, com aquela dose de abnegação e desprendimento necessários a esse chamado. Talvez esse seja o segredo da admiração e do carinho que os membros de sua estaca sentem por ele.

A Igreja tem sido o estandarte de sua vida e a fonte de um bem viver. Mas para atingir esse estágio foram necessários muito esforço e muita perseverança que resultaram em espiritualidade, que lhe proporciona esse bem viver. Nesse clima de tranqüilidade ele conduz seu lar e o rebanho que o Senhor lhe confiou.

O presidente Leal converteu-se ao Evangelho em 1969, mas já conhecia a Igreja havia longo tempo, pois ouvia seu tio, o patriarca Lombardi que era membro, falar dela. O fato é que nenhuma doutrina religiosa lhe despertava muito interesse; fora criado na seita presbiteriana, sem ter com ela muita afinidade e dessa forma tornou-se adulto sem uma fé definida.

"Sentia às vezes, necessidade de maior aproximação com o Pai, então me isolava das pessoas por constrangimento em orar, principalmente na presença de minha esposa. Eu ainda tinha em mente o conceito de que um homem deve ser auto-suficiente e outras pessoas não deveriam saber que ele tem necessidade de um apoio maior.

Um dia minha mãe que é irmã do patriarca Lombardi, e foi por ele convertida, convidou-me e à minha esposa para assistirmos a uma homenagem do Dia das Mães



que a Igreja iria realizar e, para não desagradá-la, minha esposa propôs que aceitássemos o convite. E esse foi nosso primeiro contato com o mormonismo que nos agradou bastante, mas quem se interessou mesmo foi a Veralice, que aceitou prontamente o pedido dos missionários para levar a mensagem até nosso lar.

Nessa ocasião tínhamos quatro anos de casados e já eram nascidos nossos dois filhos mais velhos, Fábio e Fernando, hoje com 11 e 10 anos respectivamente. Os outros, Luciana de 8 anos e Flávio de 5, vieram depois da nossa conversão. Na noite da primeira visita dos missionários, aconteceu um incidente bem engraçado. A energia elétrica acabou e ficamos sem luz; colocamos as crianças para dormir e ficamos acordados e eu disse para Veralice: "Eles não virão. Sem luz como é que eles vão se arranjar?" Momentos depois eles bate-

ram à porta munidos do material necessário e um pacote de velas e fósforos, dispostos a entrar logo na questão "Evangelho Restaurado". À luz de velas, o ambiente se tornou muito acolhedor e uma grande paz envolveu nossos corações e senti o Espírito presente naquele momento e ao terminar a primeira palestra, um dos rapazes pediu-me que orasse e todos nos ajoelhamos juntos. Foi uma grande emoção, porque enfim eu conseguira fazer uma oração sem ser em segredo.

Desde que se batizou, o presidente Leal tem trabalhado com muito afinco para o engrandecimento do Reino aqui na terra. Seu primeiro chamado foi para superintendência da Escola Dominical, daí para frente ele não parou mais para respirar e considera essa participação constante nas atividades a grande base para a consolidação de sua fé. Seis meses após a conversão ele foi chamado para presidir o ramo de Mauá, até 1973. Nessa última fase acumulava a função de membro do Sumo Conselho da Estaca São Paulo Sul. Quando essa estaca se dividiu, criando a estaca Santos, ele foi chamado para primeiro conselheiro do presidente Saul na estaca Sul. Em 1975 o presidente é chamado para presidir a Missão São Paulo Norte e o irmão Leal assume o lugar e a tarefa do antecessor.

Hoje, sua estaca conta com três mil e cem membros, que exigem muita participação de seus líderes, num ritmo bastante acelerado, considerando-se que estes são um pouco reduzidos em número, mas firmes no labor, o que os torna homens de grande valor para o seu presidente. Também as mulheres, que atuam nas organizações auxi-

Presidente Leal, irmã Verállice e dois de seus filhos: Fábio e Fernando.



liares têm demonstrado grande valor, quer na Primária quer na Sociedade de Socorro. "Sem a valiosa participação delas nos cargos e na vida dos maridos que são os líderes, ninguém poderia realizar a metade do que se tem realizado." Acrescenta ainda: "Em todas as atividades que elas exercem, têm sido uma força para o Sacerdócio. Posso sentir essa força mais de perto no meu lar em que minha esposa tem sido uma bênção, um grande esteio, juntamente com meus filhos."

Presidente Leal ressalta também a brilhante participação da juventude de sua estaca que é a menina de seus olhos, sem dúvida nenhuma. Nela deposita a confiança de um grande futuro na sua área. "Muitos desses jovens não têm seus pais convertidos e enfrentam barreiras e às vezes não têm condições financeiras que lhes permitam enfrentar sozinhos esses dissabores e mesmo assim se têm sacrificado e empenhado ao máximo para poderem sair em missão. Seus testemunhos são realmente profundos e sinceros como é sincera sua participação nas atividades e seu desejo de colaborar.

Na vida profissional, o evangelho trouxe mais uma vez grande transformação para esse líder, pois ele se sente muito mais responsável e consciente do seu dever de cidadão.

"O desejo de meu pai era que eu estudasse mecânica, mas após alguns anos de estudo, verifiquei que não era essa a minha vocação e resolvi mudar tudo e cursar Administração de Empresas e só con-

clui o curso depois de casado. Mas sou funcionário da Petrobrás há dezessete anos, de forma que muita gente me conhece de longa data e são testemunhas da minha transformação como indivíduo e como funcionário.

Sempre procurei desempenhar as coisas de maneira honesta, ser bom companheiro de trabalho, mas vivia no mesmo esquema de vida que eles, participando das solenidades e festejos com os mesmos hábitos e os mesmos sistemas. Não me tornei um monge nem levo uma vida austera ou esquiva mas tornei-me melhor companheiro, um amigo mais amadurecido, e através de minha conduta passei a emitir influência e não mais receber. Criei ao meu redor uma nova atmosfera, sem que para isso fosse preciso relegar a qualquer pessoa, simplesmente abandonei os costumes que não me levavam a lugar algum."

O fato de não ser um profissional autônomo e ter um horário e um programa a cumprir, que impede um envolvimento maior com o trabalho eclesiástico durante o dia, obriga-o a cuidar do seu rebanho após o expediente, só voltando para casa normalmente depois das dez horas da noite para jantar e rever a família antes de dormir. De modo que para a família só restam as segundas-feiras, reservadas para essas reuniões familiares que lhe são bastante significativas para o fortalecimento do lar e proporcionam um clima de muita harmonia. A meta da família no momento é a preparação para o templo, para suas ordenanças e selamento.

Buscar sabedoria e inteligência para atingir a perfeição, conforme os princípios ensinados pelo Profeta Joseph Smith é o elemento mais importante para compreendermos todas as coisas desse imenso Universo, porque "ninguém será salvo em ignorância". Assim prossegue o presidente da estaca São Paulo Sul, agora aconselhando e orientando seus fiéis: "Devemos buscar o Pai através de uma oração sincera, aprimorar nosso conhecimento da verdade e caminhar firmemente para a exaltação. Devemos preocupar-nos com nossa mordomia familiar e com nossas responsabilidades dentro da Igreja. É dessa maneira que iremos encontrar o caminho para a vida eterna, dedicando nossas vidas ao plano de Deus e se assim o fizermos ele estará conosco conforme os ensinamentos de Doutrina e Convênios 82:10 — 'Eu o Senhor, estou obrigado quando fazeis o que Eu digo; mas quando não o fazeis, não tendes promessa nenhuma.'"

Testifico também a todos que estou realmente convicto da veracidade da Igreja, sinto isto através de minha transformação que foi possível, através da vivência do evangelho e da orientação que recebo através do Espírito. Creio na autenticidade do nosso profeta Spencer W. Kimball. Tenho um amor muito grande pelos nossos líderes porque sei que eles são chamados pelo Pai para cumprir sua tarefa aqui na terra e pode aprender muito com eles e fortalecer minha fé através das experiências e dos ensinamentos que eles nos transmitem.

Foi pelo conhecimento da doutrina real que eu me encontrei, como homem, como profissional e principalmente como filho de Deus. Hoje tenho um objetivo e luto para alcançá-lo. Respeito e magnifico o Sacerdócio de que sou portador; ele é o poder mais extraordinário que Deus concedeu aos homens, é por esse canal que ele dirige essa obra e por esse canal eu fui tocado e modificado juntamente com minha família. Sei que esta é a Igreja de Jesus Cristo e sou muito grato por pertencer a ela e poder servi-lo.

12		11		1		
9	10	13	4	3	2	
8			5		6	
			7			

LEGENDAS PARA NOSSA CAPA

1. A cidade de Jerusalém, local da pregação de Léhi. (1 Né. 1:4). "Aconteceu que no reinado do Rei Zedequias, rei de Judá, apareceram muitos profetas, concitando o povo ao arrependimento, pois, do contrário, a grande cidade de Jerusalém seria destruída."

O Templo de Salomão estava onde agora aparece a Abóbada da Rocha. Do templo reconstruído por Herodes, resta apenas o Muro das Lamentações. A Jerusalém moderna praticamente envolve a cidade mais antiga e suas muralhas, construídas pelos cruzados da Idade Média.

2. "O Senhor ordenou a meu pai que partisse com a família para o deserto... chegando às margens do Mar Vermelho." (1 Né. 2:1, 5.) A distância de Jerusalém a Aqaba é de 286 quilômetros. Estudiosos estimam que um grupo poderia viajar aproximadamente 38 quilômetros por dia nesse solo desértico. Nessa média, teria levado pelo menos sete dias para que se chegasse às margens do Mar Vermelho.

3. Muitos poços antigos podem ser encontrados ao longo da rota do incenso. Um mapa moderno mostra 118 poços de água com uma distância média de 29 quilômetros entre eles. Léhi pode ter usado partes dessa rota, visto que a água é o elemento básico para a vida no deserto.

4. (1 Né. 2:5-6.) "(E meu pai Léhi) continuou seu caminho pelo deserto que margeia o Mar Vermelho." A três dias de viagem do Mar Ver-

melho, fica Uade El Afal, que pode ter sido o Vale de Lemuel. O uade é um leito de rio seco, usado com frequência pelos viajantes, exceto durante a estação das chuvas. O Uade El Afal desce gradualmente durante 160 quilômetros, desde o cume até o mar, sendo, perto deste, flanqueado por despeñadeiros altos e escarpados.

5. O meio costumeiro de transporte usado nos dias de Léhi eram o camelo e o jumento. Léhi teria precisado de três jumentos ou camelos para cada tenda, mais um animal por pessoa para levar as provisões.

6. "Partiu pois para o deserto... e nada mais levou consigo, exceto sua família, provisões e tendas." (1 Né. 2:4-5.) Esta tenda beduína, possivelmente semelhante às tendas usadas pela família de Léhi, é tecida à mão, de pêlo de bode preto e é tão pesada quanto um tapete. As tendas pesam aproximadamente 227 k, e deviam ser embaladas separadamente, com as paredes, divisões e cobertura em três camelos ou jumentos diferentes.

7. De Jerusalém ao lugar que chamaram de Naom, o rumo da colônia de Léhi havia sido sul-sudeste. Em Naom, Néfi escreve: "E aconteceu que reiniciamos nossa jornada pelo deserto, desde aí viajando sempre para o leste." (1 Né. 17:1.) Da moderna cidade de Nadjran, seguindo o 19.º paralelo, uma rota da trilha do incenso volta-se para o leste e contorna o Rub al Khali, o maior deserto de areia da terra. Os poços, nesta área, estão a 96

quilômetros de distância entre si. Néfi registra que, durante essa parte da viagem, eles sofreram muito. (1 Né. 17:1-2.)

8. Em Naom, Léhi descansou durante algum tempo em um oásis semelhante a este. Aqui morreu Ismael, e suas filhas murmuraram por causa de seus sofrimentos no deserto.

9. Ismael foi sepultado perto de Naom, talvez num túmulo solitário como este.

10. (1 Né. 17:5-6.) "E chegamos ao lugar a que chamamos Abundância, por causa dos muitos frutos e também do mel silvestre..." A descrição de Néfi da terra Abundância assemelha-se ao local agora designado Salala, Omã. Há muitas abelhas em Salala, que freqüentemente constroem colmeias nas extremidades cortadas das tamareiras.

11. "E aconteceu que assentamos nossas tendas na praia... e demos o nome de Abundância a esse lugar, devido a seus muitos frutos." (1 Né. 17:6.) As colheitas e a alfafa são ceifadas até dez vezes por ano em Salala. E o milho, arroz, repolho e muitos outros vegetais e frutas são produzidos nas partes irrigadas pelos poços.

12. Salala, Omã, é o único lugar junto à linha costeira do sul da Arábia que tem árvores suficientemente grandes, para que delas se possam construir barcos. Algumas das árvores de "jumaise" da área são tão grandes, que um homem de compleição média não as pode abraçar. A madeira é forte, resistente à água do mar e quase sem nós. A madeira do "jumaise" é usada para a construção de barcos, até mesmo hoje em dia.

13. "Tu construirás um navio da maneira que eu te mostrarei, a fim de que eu possa levar o teu povo através destas águas..." (1 Né. 17:8.) As escrituras relatam que Néfi não construiu o navio segundo a maneira dos homens, mas de acordo com a maneira que o Senhor lhe havia mostrado. Indubitavelmente, Néfi havia observado as técnicas de construção de navios em seus dias, para poder reconhecer que o navio que fora instruído a construir não era feito de acordo com a maneira dos homens. Hoje em dia, os construtores de barcos da costa do Mar Vermelho e em Omã ainda constroem seus barcos usando as técnicas antigas que Néfi pôde ter observado durante a viagem.

